

Aquele que ama  
não olha para si,  
torna-se um espaço  
para acolher o outro.

Só podemos amar verdadeiramente  
no despojamento,  
fazendo de nós  
um espaço ilimitado  
para acolher o outro.

sempre é tempo de amar.  
Não nos prendamos ao passado  
exceto para nos lembrarmos da misericórdia  
que hoje nos liberta.

Maurice Zundel

Extraído do livro “*Dieu n’habite pas derrière les étoiles*”

## **Sumário** **maio e junho de 2012**

### **Vida espiritual**

- 162 Um coração indiviso: a oração e o louvor  
Padre Patrick Griffin, Diretor geral
- 173 O acompanhamento espiritual  
Seminarium 2011  
Padre Gabriel Naranjo, cm
- 196 Carta de 03 de junho de 2012  
A todos os membros da Família Vicentina  
Padre Gregory Gay, Superior geral
- 200 União e colaboração em São Vicente. Algumas reflexões para nossa colaboração com a  
Família Vicentina  
Padre Eli Chaves dos Santos, cm

### **Atualidades das Províncias**

#### **Visita dos Superiores**

- 210 Visita da Irmã Evelyne Franc e Irmã Rosa Maria Miro, Assistente geral  
à Comunidade de Bébalem, Chade.  
As Irmãs da Comunidade de Bébalem

## **Testemunho das Irmãs**

- 213 Província de Bogotá  
O CIEVI, Sessão de formação contínua para a América Latina e Caribe  
As participantes da Sessão

## **História da Companhia**

### **Fontes e atualidades**

- 215 A espiritualidade de São Vicente  
1ª parte: - No seguimento de Jesus Cristo  
- A Evangelização  
(continua)  
Padre Jean Morin, cm

### **PADRE PATRICK GRIFFIN, DIRETOR GERAL**

Encontro Internacional das Visitadoras - maio de 2012

#### **“Um Coração indiviso: Oração e Louvor”**

Quando consideramos o tema “coração indiviso” para pessoas consagradas, podemos começar refletindo sobre o chamado para ser pessoas de oração. Para entrar em sua presença oferecemos a Deus todo o nosso ser. O Documento Interassembleias lembra-nos que uma Filha da Caridade tem: *“sede de se enraizar mais em Cristo, de entrar numa relação de intimidade com Ele”* (D.I.A, p.7).

Os místicos irlandeses e escoceses usam, algumas vezes, uma descrição para lugar sagrado que me atrai. Eles o chamam de “thin place” que se traduz literalmente como “lugar fino” e que significa “um lugar onde Deus se faz próximo”. Esta expressão vem da crença de que em algumas áreas durante alguns períodos do ano, a distância entre o céu e a terra diminui e essas duas dimensões ficam mais próximas. O véu que separa um mundo do outro se torna tão fino que pode-se ver um pouco do céu através dele. Eu compreendo esta ideia.

Às vezes, isso acontece numa experiência particular na natureza onde alguém fica tão extasiado pela beleza e tranquilidade que tem um vislumbre do divino. Às vezes, isso pode acontecer, ouvindo uma música especial, uma poesia ou uma peça de teatro em um determinado momento; percebe-se algo maior. Há momentos, lugares e eventos que favorecem a experiência desses tipos de “lugares finos, onde Deus se faz próximo”. Para mim, uma das experiências sagradas mais genuínas do “lugar fino” pode acontecer através do encontro com o outro: uma criança ou uma pessoa verdadeiramente boa, um pobre ou alguém que passa por momentos difíceis.

Nestes “lugares finos”, podemos sentir nosso coração indiviso: a parte de nós que está conectada com a ordem criada entra em acordo e valoriza mais a parte de nós que anseia por sua plenitude em

Deus. Santo Agostinho exclamou a famosa expressão: *“meu coração inquieto nunca descansará enquanto não repousar em ti”*.

Algumas experiências bem particulares são sentidas como “lugares finos”. São momentos santos, quando nos sentimos abençoados e sentimos que vivemos momentos de eternidade.

**A morte** é um “lugar fino”. Alguns anos atrás, fui chamado ao hospital para atender a um homem, que eu conhecia desde minha infância e que estava em seu leito de morte. Sua esposa estava lá comigo. Algumas vezes meu amigo falava com sua esposa e comigo tão claramente quanto possível e, em outros momentos, ele falava com a mãe dele, com a minha mãe e seu irmão, aparentemente, com a mesma clareza. No entanto, estes três já estavam mortos há algum tempo. A enfermeira nos disse que ele estava tendo alucinações. Eu não tinha tanta certeza. Ele não estava falando sobre cangurus voadores, mas sobre pessoas reais. A agonia e a morte são um “lugar fino” onde este mundo e o outro se aproximam. Não me parece irracional que alguém possa estar com um pé em cada um desses “lugares finos”. Isto, claro, faz dele um momento sagrado. Você já viveu algo parecido?

**A Eucaristia** é um “lugar fino”. Na Eucaristia, céu e terra se aproximam. Quando escutamos a Palavra de Deus dirigida a nós, podemos descobrir a maneira como Jesus nos chama. Na Eucaristia, somos convidados a comer do pão do altar que é o corpo e o sangue de Cristo, presente entre nós, é uma participação no banquete celestial. Nossas Constituições nos lembram a importância vital da Eucaristia que é *“centro de [nossa] vida e de [nossa] missão, encontro essencial diário com Cristo e os irmãos”* (C. 19b). O autor da Carta aos Hebreus faz um comentário particularmente comovente. Ele diz: *“Cercados como estamos de tal nuvem de testemunhas”* (Hb 12,1).

Quando nos reunimos para a celebração da Eucaristia, estamos cercados por anfitriões celestes e por todos aqueles que nos precederam nesta grande festa da nossa fé. É um “lugar fino” onde partilhamos o pão do céu, a convocação do Evangelho e a comunidade de todos os que já partiram antes de nós, assim como aqueles com os quais nos reunimos, hoje. Essa celebração se torna um momento santo e um “lugar fino”.

E a oração é um “lugar fino”. Isso parece muito óbvio. A primeira coisa que fazemos quando rezamos é reconhecer Aquele com quem falamos. **Nós nos colocamos na presença de Deus.** Estamos no “lugar fino”. A oração é importante para a nossa vida, faz parte da nossa vocação de pessoas consagradas e devemos sempre aprofundá-la. Nosso coração indiviso nos convida a expressar nossa proximidade com Deus.

Hoje, quero concentrar nossa atenção sobre a oração como uma contínua tomada de consciência cada vez mais profunda d’Aquele a quem dirigimos nossa oração. Lembrando-nos sempre de Deus, nosso coração se concentra Nele e se abre aos outros elementos da oração. As Escrituras nos dão vários exemplos.

## **1 MOISÉS E A SARÇA ARDENTE**

A história de Moisés e da sarça ardente é uma das histórias fundamentais do Antigo Testamento. Sabemos como se desenvolve esta história. Moisés apascentava o rebanho de seu sogro quando viu

a sarça ardendo sem se consumir. Ao chegar mais perto, ele ouve a voz que lhe ordena retirar as sandálias porque o lugar onde se encontrava era terra santa. Ele obedece e é apresentado ao Deus de seus antepassados. Este Deus quer enviá-lo para libertar o Povo de Israel da escravidão no Egito. Moisés faz a pergunta mais importante: “quem direi que me enviou?” E Moisés conhece o nome divino representado pelas quatro letras: Y-H-W-H.

Este nome significa “aquele que está presente” porque esta é a característica do Deus de Israel. Sempre que o povo gritar, Deus ouvirá, responderá e estará presente. Este Deus estará sempre presente com eles. A peregrinação do povo de Israel no deserto simboliza esta presença e, depois, no Templo de Jerusalém, é a Arca da Aliança que representa a santa presença de Deus no meio do povo de Deus.

A santidade do nome divino não pode ser exagerada. O nome torna Deus presente ao ser pronunciado. Em 2008, o Papa Bento XVI pediu à comunidade cristã para parar de usar este nome em voz alta na liturgia. Isto está de acordo com a prática da comunidade judaica. Pronunciar o santo nome divino de Deus em voz alta seria torná-lo comum. Podemos entender o que significa a santidade neste contexto: uma expressão que não se refere somente a Deus mas torna-O presente.

Quando nos colocamos diante de Deus e pronunciamos seu santo nome, estamos em solo sagrado. Foi assim que Moisés experimentou. O que faz a terra “sagrada” não é aquele pedaço de chão, mas o fato de ser ali onde encontramos o Senhor. Cada lugar onde alguém encontra Deus se torna santo pela presença de Deus. É um “lugar fino”. Assim, nossas capelas, nossas comunidades locais, nossos apostolados se tornam terra santa. Encontramos também a Deus tanto nas Irmãs como nos pobres. Nossas escolas e hospitais são santos, nossos escritórios e refeitórios onde oferecemos refeições são santos, nossas ruas e as casas das pessoas são santas, os serviços que realizamos são santos. Os lugares onde encontramos Deus presente no meio do seu povo são santos e nos pedem uma resposta reverente e respeitosa: retirar nossos calçados, falar com humildade, permitir que sejamos ensinados. A terra santa é o lugar onde nos abrimos à presença de Deus, onde permitimos que Ele toque nossas vidas e onde ouvimos o chamado a um discipulado mais fiel. Estes são “lugares finos”. Estes são lugares onde somos convidados a abrir nosso coração indiviso ao reconhecermos Aquele com quem estamos falando.

Luísa oferece alguns pensamentos sobre este tema ao escrever para uma de suas Filhas (e para nós) sobre este assunto:

*“Como é verdade que as almas que procuram a Deus o encontram por toda parte e, principalmente, nos pobres! Como gostei do pensamento que expressastes a esse respeito! Ele me deu motivo para louvar a Deus.”* (Luísa de Marillac, C.446, p. 492).

## **2 MARIA MADALENA E JESUS NO JARDIM**

Uma das minhas histórias favoritas sobre um “lugar fino” nas Escrituras é Maria Madalena no jardim depois da morte de Jesus:

*“Entretanto, Maria se conservava do lado de fora perto do sepulcro e chorava. Chorando, inclinou-se para olhar dentro do sepulcro. Viu dois anjos vestidos de branco, sentados onde*

*estivera o corpo de Jesus, um à cabeça e outro aos pés. Eles lhe perguntaram: Mulher, por que choras? Ela respondeu: Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram. Ditas estas palavras, voltou-se para trás e viu Jesus em pé, mas não o reconheceu. Perguntou-lhe Jesus: Mulher, por que choras? Quem procuras? Supondo ela que fosse o jardineiro, respondeu: Senhor, se tu o tiraste, dize-me onde o puseste e eu o irei buscar. Disse-lhe Jesus: Maria! Voltando-se ela, exclamou em hebraico: Rabôni! (que quer dizer Mestre). Disse-lhe Jesus: Não me retenhas, porque ainda não subi a meu Pai, mas vai a meus irmãos e dize-lhes: Subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus. Maria Madalena correu para anunciar aos discípulos que ela tinha visto o Senhor e contou o que Ele lhe tinha falado”(João 20,11-18).*

Maria Madalena se encontra na presença de Jesus, alguém que ela conhecia e amava há anos, mas ela não o reconhece. Ela estava num “lugar fino”, mas inconsciente da especial presença de Deus naquele momento. Ela estava chorando e procurando pelo Senhor; ela pergunta aos anjos e até mesmo a Jesus para onde o corpo de Jesus tinha sido levado. Vocês podem rir do suave humor da cena, especialmente quando Maria pergunta ao Senhor ressuscitado se ele tinha levado o corpo de Jesus – o que, claro, ele tinha feito. Ela estava tão concentrada em sua própria história e expectativas que não reconheceu quando o Senhor ficou literalmente bem na frente dela. Essa história deve ressoar em nossas vidas e nos encorajar a reconhecer a presença de Deus.

Jesus faz a pergunta chave para Maria Madalena: “Quem você está procurando?”. Ela, claro, estava procurando por uma coisa, o corpo de Jesus. Ele a convida para a busca mais importante - por uma pessoa. Ela deveria estar procurando não a presença inanimada de Jesus, mas a sua presença viva, verdadeira e companheira que estava bem diante dela. Quando Ele finalmente pronuncia seu nome, ela o reconhece. Enquanto Maria Madalena tentava encontrar Aquele a quem ela esperava, ela olhava somente com os olhos da carne. Agora, ela é convidada a procurar com seu coração indiviso e reconhecer a presença de Jesus. E ela o reconhece. Jesus, então, lhe diz para não segurá-lo. Provavelmente, isto significa mais do que tentar segurar o corpo ressuscitado que está de pé diante dela. É um convite para deixar suas expectativas e desejos atuais. Maria Madalena deve deixar Jesus ser o Senhor e conduzi-la para novas direções, pois Ele não estará mais presente ao seu lado como antes, e ela precisa abrir os olhos do coração para esta nova possibilidade. Jesus, agora, está presente de novas maneiras.

A chave deste encontro para mim é a pergunta que Jesus faz à Maria: “quem você está procurando?” Enquanto ela mantém em mente sua imagem do que deveria esperar, ela não pode ver Jesus. Mas, assim que ela se permite ser chamada pessoalmente e responder pessoalmente ao Senhor, ela pode ver com quem ela está falando e sua experiência define bem o que é um “lugar fino”.

Nossa oração deve também começar com esta pergunta: “quem estamos procurando?” Quando nos aproximamos da oração com nossas próprias expectativas e imagens de Deus e a maneira como o Senhor deve estar presente para responder a uma determinada situação, então nós nos distanciamos do Senhor ressuscitado que quer secar nossas lágrimas e abrir nossos olhos. Nós construímos então nosso próprio lugar para encontrar o Senhor ao invés de encontrar o “lugar fino” onde Ele sempre está presente. O Senhor nos chama pelo nosso nome e indica as exigências contidas neste chamado. Si respondermos com um coração indiviso permitindo ao Senhor ser o Senhor, entramos em uma

verdadeira conversa que é a oração. Mas precisamos saber com quem estamos falando e como ele está presente.

### 3 -PAULO E A EXPERIÊNCIA DE CONVERSÃO

A história da conversão de São Paulo foi um dos eventos mais conhecidos da comunidade cristã primitiva. Ela é contada três vezes nos Atos dos Apóstolos:

*“Enquanto isso, Saulo só respirava ameaças e morte contra os discípulos do Senhor. Apresentou-se ao príncipe dos sacerdotes, e pediu-lhe cartas para as sinagogas de Damasco, com o fim de levar presos a Jerusalém todos os homens e mulheres que achasse seguindo essa doutrina. Durante a viagem, estando já perto de Damasco, subitamente o cercou uma luz resplandecente vinda do céu. Caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? Saulo disse: Quem és, Senhor? Respondeu ele: Eu sou Jesus, a quem tu persegues. [Duro te é recalcitrar contra o aguilhão]. Então, trêmulo e atônito, disse ele: Senhor, que queres que eu faça? Respondeu-lhe o Senhor: Levanta-te, entra na cidade. Aí te será dito o que deves fazer. Os homens que o acompanhavam encheram-se de espanto, pois ouviam perfeitamente a voz, mas não viam ninguém. Saulo levantou-se do chão. Abrindo, porém, os olhos, não via nada. Tomaram-no pela mão e o introduziram a Damasco, onde ficou três dias sem ver, sem comer, nem beber” (Atos 9,1-9).*

O agressivo, mas, ao mesmo tempo piedoso, Saulo, que consentiu na execução dos cristãos hereges, estava a caminho para perseguir a nascente comunidade cristã, de repente cai por terra e, como Moisés e Maria Madalena, é chamado pelo nome. Mais uma vez, é um chamado que conduz a um questionamento: Paulo pergunta: *“Quem és, Senhor?”*. Ele ouve a resposta: trata-se de Jesus, o mesmo a quem ele estava perseguindo nos membros da comunidade cristã. A partir deste encontro, a vida de Paulo se transformou. Nesta experiência, uma informação importante nos é dada.

Paulo, que tinha sido tão violento e agressivo com a comunidade cristã, a ponto de estar disposto a levar seus membros para o sofrimento e a morte, agora se torna aquele que vai evitar todo tipo de sofrimento para os outros; alguém que está disposto a passar pelo sofrimento e pela morte em nome de Jesus e pelo Evangelho. Esta estrada para Damasco foi um “lugar fino” para Paulo. Ele encontrou o Senhor Deus a quem ele tinha buscado e adorado durante toda a sua vida; esse encontro acontece em Jesus. Paulo reconhece quem Jesus é e quem ele precisa ser para Jesus. Seu coração se torna indiviso. Agora, ele vai se concentrar totalmente em Jesus, no serviço em seu nome e na proclamação do seu Evangelho. O segredo é que Paulo descobriu **com quem ele estava falando** nesta conversa, nesta oração.

Mesmo se nossa experiência de conversão não tem as mesmas características das de Paulo, a maneira de agir de Deus em sua vida nos oferece um belo exemplo. Paulo tinha uma falsa concepção sobre o Deus de Israel. Portanto, era-lhe preciso abandonar seus preconceitos, purificar suas representações de Deus e sua maneira de agir, aprender a escutar mais do que falar, a viver a não violência.

Fico maravilhado diante da experiência de conversão de São Paulo e a de São Vicente. Enquanto a experiência de Paulo é espetacular e original, a experiência de Vicente é comum, ao acontecer

dentro do caráter do seu próprio ministério. Ainda assim, ambos mudaram de vida. Paulo encontrou Cristo em seu corpo ressuscitado na estrada para Damasco e Vicente o encontrou nos corpos sofridos dos pobres. Ao longo de suas vidas, ambos continuaram a encontrar Jesus, abrindo seus olhos aos diferentes lugares onde Deus se faz presente, respondendo com corações indivisos.

#### **4 NOSSA ORAÇÃO E LOUVOR**

Para continuar nossa reflexão sobre a oração, voltemos a esses três pontos importantes, com uma ênfase especial no primeiro.

##### **a) Com quem estamos falando?**

O ponto de partida para mim vem da capacidade de perceber com quem falamos. Uma conversa com um estranho nunca tem a mesma intimidade ou conteúdo que uma conversa com alguém que conhecemos. Quando vamos para a oração, é necessário, em primeiro lugar, nos colocarmos na presença de Deus que nos torna capazes de saber quem Ele é para nós. Isso pode acontecer de maneira diferente para cada um de nós, em diferentes momentos, mas pensar sobre o Criador do universo, o Salvador crucificado, isso evoca em nós uma atitude de louvor e de gratidão por tudo o que o Senhor tem feito e continua a fazer. Podemos nos maravilhar diante da grandeza de Deus e da maneira como Deus se faz presente. Nossa oração nos permite identificar com quem estamos falando.

Em seus ensinamentos sobre a oração São Vicente destaca a necessidade de estar atento à presença de Deus: *“Eis agora o que é preciso fazer: primeiro colocar-se na presença de Deus, considerando seja como ele está nos céus, sentado no trono de sua Majestade, de onde nos olha e contempla todas as coisas; seja na sua imensidão, presente em toda parte, aqui e ali, no mais alto dos céus e no mais baixo dos abismos, vendo nossos corações penetrando até as dobras mais secretas de nossa consciência; seja em sua presença no Santíssimo Sacramento do altar: ó Salvador, eis-me aqui, fraco e miserável pecador, eis-me aqui aos pés do altar onde vós repousais; ó Salvador, que eu não faça nada indigno desta santa presença; seja, enfim, em nós mesmos, nos penetrando inteiramente e habitando no fundo de nossos corações.”* (Coste XI, Conferência 168, pp. 404-405).

Vicente destaca diferentes representações de Deus: sua majestade Divina, sua presença no mundo criado, no sacramento do altar e dentro de nós mesmos. O Senhor se faz sempre presente a nós e de muitas maneiras diferentes: tomar consciência dessa presença é começar o caminho de oração. De fato, não podemos deixar de rezar quando reconhecemos Deus conosco em nosso “lugar fino”.

##### **b) Aquele que fala conosco pessoalmente**

Em cada um destes três encontros constatamos que o Senhor conhecia cada um pessoalmente e se dirige ao indivíduo em um momento de sua vida: a perseguição ao Povo de Israel, no caso de Moisés, o luto de Maria Madalena, a raiva de Paulo:

*“Moisés, Moisés! Não te aproximes daqui. Tira as sandálias dos teus pés, porque o lugar em que te encontras é uma terra santa... Eu vi, eu vi a aflição de meu povo que está no Egito, e ouvi os seus clamores por causa de seus opressores” (Ex 3,4-5.7).*

*“Maria! ... Não me retenhas, porque ainda não subi a meu Pai.” (Jo 20, 16-17)*

*“Saulo, Saulo, por que me persegues?... Eu sou Jesus, a quem tu persegues.” (Atos 9, 4-5)*

Nós também precisamos ouvir o Senhor nos falando pessoalmente. Na oração somos convidados a reconhecer com Quem estamos falando, mas também escutá-lo nos chamando pessoalmente e de lhe falar como filhos bem amados: o Bom Pastor reconhece suas ovelhas e suas ovelhas o reconhecem. Esta tomada de consciência facilita nossa oração no momento que somos convidados a entrar no “lugar fino” e nos dá a oportunidade de entrar em sua intimidade. Ela consola e dá determinação ao nosso coração indiviso.

### **c) Aquele que nos dá uma missão para realizar:**

Cada um daqueles com quem Deus falou recebeu uma missão.

*“[Moisés]..vai, eu te envio ao faraó para tirar do Egito os israelitas, meu povo”(Ex 3,10).*

*“[Maria] vai a meus irmãos e dize-lhes: Subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus” (Jo 20, 17).*

*“[Saulo] Levanta-te, entra na cidade. Aí te será dito o que deves fazer”. (Atos 9,6)*

O Senhor tem uma missão para cada um de nós. Ao nos colocarmos à escuta da vontade de Deus na oração, o Senhor nos esclarece sobre a tarefa confiada e nos concede sua graça para realizá-la. É o que nos diz Santa Luísa:

*“Enfim, queridas Irmãs, se permanecerdes na presença de Deus, sua bondade não deixará de vos dizer o que deseja de vós, tanto na mortificação dos sentidos e paixões, como também na prática das virtudes que Ele deseja ver em vós, a fim de lhe serdes agradáveis” (E. Espirituais C.211. pp. 249).*

Ou ainda: *“Nosso Senhor não deixará de saber encontrar-vos, quando quiser vos dar outro trabalho” (E.Espirituais, C. 642, p. 682).*

Colocar-se na presença de Deus e ouvir sua Palavra é uma bênção do “lugar fino”. O documento Vita Consecrata descreve este coração indiviso: *“Se um filho de Deus conhecesse e saboreasse o amor divino, Deus incriado, Deus encarnado, Deus apaixonado, que é o sumo bem, dar-Lhe-ia tudo, livrar-se-ia não só das outras criaturas, mas até de si próprio, e, com tudo o que é, amaria este Deus de amor até se transformar todo no Deus-Homem, sumamente Amado”(VC, 104).*



## CONCLUSÃO

A oração supõe tomar consciência sobre três dimensões:

### **Uma pessoa**

Em nossa oração, devemos estar atentos ao Deus com quem falamos. Meditar sobre “quem é Deus para nós”, é uma bênção e um ponto de partida, isto nos conduzirá a uma oração de louvor.

### **Um lugar**

A experiência do encontro com Deus acontece num “lugar fino”. Podemos concentrar nossa energia na realidade do local onde encontramos o Senhor. É um lugar sagrado e somos convidados a reconhecê-lo como tal. Podemos identificar esses lugares em nossas vidas?

### **Um coração indiviso**

A verdadeira oração só pode acontecer a partir desta disposição interna que faz de Deus o centro de nossas vidas e nossa única necessidade. Tudo o mais acontece em relação a Ele. Este é o tesouro especial de uma pessoa consagrada.

Fundamentalmente, a oração nos leva a um “lugar fino”: é a comunicação natural de um coração indiviso com Aquele que nos ama e anseia ardentemente nosso amor. Nossas Constituições falam claramente sobre o caráter da nossa oração: “*Um dos tempos fortes do seu dia é a oração: escuta do Senhor, louvor, ação de graças, contemplação, busca de sua vontade, apresentação da vida e das necessidades dos pobres*” (C. 21b). Somos convidados a conhecer o Senhor intimamente, a nos deixarmos amar por Ele, a assumir a missão de servir-Lo em nossos irmãos e irmãs. Parte do serviço que realizamos é nossa oração sincera. Para nós, a oração é um “trabalho de amor”. Hoje, levemos para nossa meditação este convite litúrgico: “Oremos ao Senhor”.

Padre Patrick GRIFFIN, cm  
*Diretor geral*

**PADRE GABRIEL NARANJO, CM**

Séminarium, maio de 2011

## **O ACOMPANHAMENTO ESPIRITUAL**

As Constituições não hesitaram em associar o tema do acompanhamento ao da Direção espiritual<sup>1</sup>. Esta importante dinâmica formativa deve ir além do acompanhamento tão respeitoso, que não haja nenhuma influência sobre a pessoa “dirigida”; esta direção não deve forçar a liberdade pessoal nem tomar o lugar da pessoa “dirigida”, mas suscitar sua colaboração ativa. Na Companhia, o acompanhamento é considerado como um “meio eficaz” para não dizer indispensável, unido a uma dupla finalidade: o seguimento do Cristo, a experiência da vocação vicentina. Por isso, não se pode realizar este serviço se não se conhece o espírito da Companhia: e se não se tem a capacidade de suscitá-lo. Portanto, para isto, sugere-se de preferência que seja um membro da Congregação da Missão ou da Companhia.

Esta síntese, ao mesmo tempo profunda em seu conteúdo, prática em suas exigências e plena de bom senso, não se encontra nos artigos das Constituições sobre a formação específica, mas no terceiro capítulo da “Vida das Filhas da Caridade”, na segunda parte sobre a “Relação com Deus”. Isto quer dizer que o acompanhamento espiritual concerne mais ao **SER** do que ao **FAZER**, e não somente o tempo da formação específica, mas também ao da formação permanente, ou seja, por toda a vida.

No contexto deste Séminarium, é preciso falar de acompanhamento espiritual como um elemento fundamental da formação, não somente em relação com as implicações do discernimento evangélico, mas também com o mais profundo enraizamento da experiência de Deus, de sua projeção missionária no serviço dos pobres, da vivência dos conselhos evangélicos e da vida fraterna em comunidade<sup>2</sup>.

Este acompanhamento espiritual deve permitir reler a vida, as escolhas e as determinações, as experiências e as dificuldades: tudo o que se passou na existência individual de uma pessoa, para se construir como um ser adulto, que desenvolva a totalidade de suas possibilidades, aceite e ultrapasse, na medida do possível, seus limites e suas carências. O acompanhamento espiritual depende da integração progressiva das estruturas da personalidade e do ideal para o qual está voltado.

Falamos de acompanhamento espiritual, na formação inicial das Irmãs Jovens mas também, na formação permanente das formadoras, pois é necessário e indispensável acompanhar e ser acompanhado. Na verdade, a formação é um processo que dura toda a vida e que envolve toda a pessoa: sua vida, seu mundo interior, suas relações, sua maturidade e sua santidade. O acompanhamento espiritual deve estender-se a todas as esferas do ser e do fazer.

Desenvolverei o tema de acordo com os seguintes pontos: o panorama existencial do acompanhamento espiritual, sua pedagogia, sua relação com a oração e seu apoio na vivência dos conselhos evangélicos.

## **I. PANORAMA EXISTENCIAL DO ACOMPANHAMENTO ESPIRITUAL**

A relação entre o contexto familiar, comunitário, social e o desenvolvimento da pessoa exige um olhar sobre o ambiente sociocultural do acompanhamento espiritual.

Como poderíamos nos referir à realidade do mundo no qual vivemos? A frase de Neil Amstrong no momento em que pisou na lua expressa muito bem: “um pequeno passo para um homem, um passo gigantesco para a humanidade”. Inspirados nesta frase do primeiro astronauta podemos dizer que a realidade do mundo é uma passagem. Sim, vivemos uma passagem, não tanto numa época de mudanças, mas numa mudança de época.

Poderíamos definir esta passagem como: uma mudança de sensibilidade dos homens e das mulheres de nosso tempo, no que concerne aos seus valores e que definem sua mentalidade. Esta passagem se faz em três níveis estreitamente unidos entre si. Trata-se de uma substituição:

- da sensibilidade do passado em direção à uma sensibilidade do futuro;
- da sensibilidade da ortodoxia, para a sensibilidade da ortopraxia;

- da sensibilidade pela verdade em favor da sensibilidade do sentido: hoje, as coisas não valem pelo que são mas, pelo que significam.

Estas substituições colocam em jogo valores fundamentais, que, se não forem conjugados, conduzem a humanidade para uma verdadeira catástrofe:

- por trás da sensibilidade para o passado o que está em jogo é o valor da fidelidade, enquanto que, por trás da sensibilidade para o futuro está o valor da novidade;
- atrás da sensibilidade pela ortodoxia, o que está em jogo é o valor da contemplação; por trás da sensibilidade da ortopraxia está em jogo o valor da ação;
- por detrás da sensibilidade pelo valor da verdade, está em jogo a objetividade, enquanto que por detrás da sensibilidade do sentido está em jogo o valor da subjetividade.

Este novo ponto de vista da humanidade produz um contexto existencial determinado que gradativamente está se convertendo em *modus vivendi* do indivíduo e da sociedade, de países e de continentes inteiros. Citemos alguns brevemente:

a) Vivemos em uma sociedade quebrada, que rejeita as convicções profundas e as razões para viver, mas que ao mesmo tempo tem necessidade de compreender porque existe e por que se relaciona e convive.

b) Hoje, vive-se na periferia, no exterior do ser, por isso que as pessoas dependem demasiadamente das circunstâncias e amam as aparências. A característica frenética de nossa época nos habitua a um estilo de vida precipitado, a uma maneira de viver em movimento: o fato de estar sempre com pressa nos conduz, mesmo que inconscientemente, a nos enchermos de atividades para provar a nós mesmos e aos outros, que somos importantes pelo que fazemos e a crer que valemos mais pelo que fazemos ou pelo que nos distingue, do que pelo que somos.

c) Sobretudo no mundo ocidental, o sentido da experimentação está acentuado, pede como base de conhecimento a verificação e como medida a eficácia. Em seguida, somos atraídos pela satisfação imediata de nossos desejos. Por isso queremos ter o que existe de melhor, mesmo em nossa formação e em nossa convivência com os outros, por isso somos ávidos por cursos que não interiorizamos e que não integramos em nosso processo pessoal.

d) A sensibilidade humana tem diminuído pouco a pouco, em todos os sentidos, com uma perda de intensidade e uma diminuição da capacidade de se surpreender. Afirmamos que a razão de ser de nossa vida é Jesus Cristo, pensamos que vivemos abertos à ação do Espírito porém, permanecemos cegos para reconhecer que nosso coração está fechado, e nos apropriamos de um seguimento do Mestre à nossa medida.

e) Uma das primeiras consequências destes fenômenos, é a tendência ao esquecimento que caminha de mãos dadas com a diminuição da capacidade de percepção.

f) Estamos saturados dos modelos superficiais de identificação como dos artistas, ao mesmo tempo que faltam verdadeiros modelos no interior das famílias e das nossas comunidades ou se existem, não os enxergamos.

g) Neste período histórico, de uma novidade incontrolável, o mundo pretende caminhar a margem de toda referência religiosa, sobretudo institucional, com o agravante de que a Igreja parece estar em crise e perde uma grande parte de seu sentido mais do que de sua verdade.

h) Por outro lado, o sentido de Deus com o qual se configuram nossos países foi substituído, nos últimos tempos, pelo sentido do homem: substituição de Deus em nome de uma afirmação do ser humano.

i) O teocentrismo foi substituído pelo antropocentrismo, a autoridade divina pela autonomia humana e a caridade pela justiça. Desta maneira, pode-se constatar uma perda do espaço de Deus, que se traduz por um mundo secularizado ou a caminho da secularização e, da mesma forma, se não é ateu está a caminho de tornar-se.

Aliás, a história da humanidade passa agora por uma novidade como nunca antes vista: nunca houve tantas mudanças ao mesmo tempo como atualmente. Eis algumas de suas manifestações:

a) A possibilidade quase ilimitada de análises e de conhecimentos que permitem a ciência penetrar no segredo mais íntimo das células e nos lugares mais escondidos e distantes do universo. Encontramo-nos em uma humanidade dotada de um imenso poder na área do conhecimento, mas de uma sabedoria frágil.

b) A crescente possibilidade do homem de alterar o ritmo da natureza para realizar coisas que não poderíamos imaginar, como por exemplo, a manipulação genética.

c) As descobertas da psicologia que estão mudando os conceitos tradicionais sobre o comportamento e a responsabilidade humana.

d) A valorização da mulher (direitos, dignidade, igualdade) como jamais se viu antes na história da humanidade, o que prenuncia mudanças inimagináveis na configuração das sociedades.

e) Os meios de comunicação que transformam o mundo em uma aldeia e condicionam de maneira incontrolável o comportamento e o pensamento humano.

O documento de Aparecida qualifica esta mudança de época como um fenômeno fundamentalmente cultural. Coloca em evidência a importância do subjetivismo que o sustenta, em certos casos como causa e em outros como efeito, e sublinha a este respeito uma implicação de grande transcendência: *“Recai, portanto, sobre o indivíduo toda a responsabilidade de construir sua personalidade, de afirmar sua liberdade, de ter razões para viver porque elas são mais transmitidas pela tradição como aconteceu no passado”*<sup>3</sup>. Do ponto de vista religioso, a Conferência reconheceu a sensibilidade que caracteriza estes últimos tempos, mas com o agravante de que é “nebulosa”, ou seja, difusa, indecifrável, difícil de orientar.

Certamente, esta mudança de paradigma está relacionada com fenômenos tais como: a globalização, a hegemonia econômica e técnico-científica que negligencia “o capital humano” de nossos povos e

um exercício de poder pouco humano através de sua falta de respeito dos direitos do homem e de seu pouco interesse pela solidariedade e a democracia.

Diante deste panorama preocupante, a Igreja, e com ela a Companhia, sente-se ao mesmo tempo plena de vitalidade e fragilizada. São os bispos de Aparecida que reconhecem com humildade que *“O pluralismo cultural e religioso da sociedade atual repercute fortemente na Igreja. Existem outras fontes de sentido em competição com ela, relativizando e fragilizando sua incidência social e sua ação pastoral”*<sup>4</sup>.

## II. A PEDAGOGIA DO ACOMPANHAMENTO ESPIRITUAL

O acompanhamento espiritual deve ser realizado em função da fragilidade do mundo no qual vivemos. Deve-se cultivar ao máximo as qualidades das jovens que batem às portas da Companhia. Durante o tempo de formação o acompanhamento deve dar fundamentos que garantam uma vida fiel e feliz, dar coesão aos elementos específicos do carisma, e ajudar a integrá-los.

Para atingir esta finalidade vou citar somente alguns objetivos e alguns critérios.

### A) OBJETIVOS DO ACOMPANHAMENTO

- a) **O autoconhecimento:** o acompanhamento espiritual tem por objetivo dar um nome às experiências, de gerenciar as carências para crescer numa maior autenticidade na sua relação com Deus. O acompanhante ajudará a descobrir as eventuais resistências, os medos, os mecanismos de defesa, as transferências que podem produzir o auto-engano no momento de identificar sua verdade pessoal.
- b) **A liberdade interior:** o acompanhamento espiritual tem por objetivo desenvolver a capacidade de amar e de ser amado, de crescer na fé em si mesmo e em Deus, de superar os apegos e a dependência. O acompanhamento ajuda a identificar as marcas deixadas no ser através de experiências imaturas e as repercussões que condicionam o presente, as feridas sempre vivas.
- c) **A fé pessoal:** o acompanhamento espiritual tem por objetivo assegurar uma vida segundo o Espírito.
- d) **O projeto de vida** concreto e realizável: o acompanhamento espiritual deve permitir, uma maior coerência tanto como caminho de realização pessoal como resposta a Deus.

### b) CRITÉRIOS DO ACOMPANHAMENTO

- a) **A escuta cordial e atenciosa:** como vemos, por exemplo, no diálogo de Jesus com a Samaritana<sup>5</sup>; no encontro com os discípulos de Emaús<sup>6</sup> O Mestre questiona, escuta e interroga para conduzir seus interlocutores para um caminho de interioridade.

b) **A capacidade de admiração:** fundamental em toda experiência religiosa, porque abre o olhar e o coração para aproximar-se da variedade incalculável de seduções de Deus e das respostas humanas. O acompanhador tem a convicção de fé que Deus age em todos, ao conceder-lhes os dons e os carismas particulares. Assim, atinge-se uma estima autêntica por seus “dirigidos” que chega até o respeito.

c) **O olhar de fé:** o acompanhante espiritual deve ser portador da experiência da paternidade de Deus<sup>7</sup> como fundamento de sua vida e ser cheio de esperança. Poderá testemunhar a fortaleza diante da adversidade; a consolação diante das dificuldades; a luz na escuridão e a confiança Naquele que não abandona jamais a obra de suas mãos. Se ele vive desta maneira, o acompanhante saberá mais facilmente escutar, maravilhar-se e respeitar a semente caída na terra<sup>8</sup>, fixar seu olhar no grão de mostarda destinado a tornar-se uma árvore<sup>9</sup> e descobrir o mistério do fermento em toda a massa<sup>10</sup>.

d) **A valorização dos encontros:** que acontecerão em dimensões diversificadas com intensidades diferentes, porque existem os sistemáticos, os espontâneos e os circunstanciais, exigidos pelo acompanhante ou pelo dirigido ou pela Comunidade de formação.

### **III - O ACOMPANHAMENTO ESPIRITUAL NA ORAÇÃO CRISTÃ.**

Nas Constituições, o objetivo final do acompanhamento espiritual é de ajudar a jovem Irmã a adquirir um sólido espírito de oração para doar-se a Deus.

Onde se encontra o segredo da identidade da Filha da Caridade? O que dinamiza sua vitalidade apostólica? O que lhe permite conjugar seu ser com sua ação, sua vida com sua missão, sua experiência espiritual com o dom apostólico? A Oração! “*Daí-me um homem de oração e ele será capaz de tudo*”, dizia São Vicente aos missionários.

Quando falamos de espiritualidade, o acompanhamento espiritual deve ajudar a compreender rapidamente a diferença entre a oração cristã e a oração pagã. Na oração pagã, o crente tenta romper a resistência de Deus; na oração cristã, aquele que reza tenta quebrar sua própria resistência; a oração pagã é individualista e gira em torno de si mesma, a oração cristã é comunitária, aberta, universal. Mas a chave da distinção entre uma e outra encontra-se na viva convicção dos Padres da Igreja: “enquanto que os pagãos vivem convencidos de que amam a Deus, os cristãos vivem com a convicção que Deus os ama!” Um bom acompanhamento espiritual deve sempre partir deste pressuposto.

Na verdade, falar de oração significa nos interrogarmos sobre a profundidade da nossa vida teologal. A oração é um diálogo de coração para coração, ou seja, uma atitude de escuta, de abertura, de disponibilidade, de familiaridade com Deus. A oração consiste numa elevação do espírito a Deus. A oração é para o Espírito, o que o pão é para o corpo: alimento de vida.

A oração nos conduz a uma identificação com Deus, um estado onde a alma só faz receber o que Deus lhe concede.

#### **a) Relação entre oração e vida**

Não se pode dissociar uma da outra. A oração implica um certo distanciamento das tarefas quotidianas e ao mesmo tempo, permite olhar para a nossa vida à luz do Evangelho para lhe dar um sentido.

#### **b) Relação entre a oração e a comunidade**

A oração é um elemento que congrega e une. No entanto, a negligência da oração cria distâncias entre nós. O Pai-nosso é um sinal de unidade dos apóstolos, um sinal de sua vida em comum. Com razão se diz que em uma oração saímos de nós mesmos para encontrar o Outro; e que saímos da oração para encontrar aos outros. Necessitamos ser solidários na oração para sermos solidários na ação.

#### **c) Relação entre oração e exigência**

O melhor eco da oração, o mais imediato é a conversão, a mudança do coração e de vida, que se expressa no esforço para acomodar a vida ao Evangelho.

#### **d) Relação entre a oração e a pessoa**

A oração produz uma unidade que provém do amor, isto é, da unidade que permite ao homem de estar com Deus que não é somente a Verdade e o Bem, mas também Pessoa.

#### **e) Relação entre oração e alternativa**

O cristão que não reza é um combatente a mais, ele faz parte do mesmo grupo que o revolucionário que pretende mudar um sistema por outro. Porém, o cristão que reza se compromete a amar a humanidade da mesma maneira que o Cristo.

#### **f) Relação entre oração e palavra**

A linguagem midiática, o turbilhão dos meios de comunicação, a rapidez das notícias, o aprendizado de línguas, a verborreia de discursos nem sempre estão a serviço da verdade. A base da relação entre oração e palavra está no fato de que a oração é um movimento divino, de Deus para o homem, onde o Verbo se fez carne; é também um movimento humano, do homem para Deus, onde a palavra humana se torna relação, na medida que ela seja autêntica, verídica, certa, incontestável.

Uma boa orientação espiritual faz perceber que a crise pessoal ou generalizada da oração se deve a infidelidade a uma palavra dada, ao relativismo diante das promessas, a condescendência diante da clareza das relações, a consideração individualista diante do valor da exigência.

### **IV - SEGUIMENTO DO CRISTO, CONSELHOS EVANGÉLICOS E ACOMPANHAMENTO ESPIRITUAL**

No Evangelho, segundo São Lucas<sup>11</sup> os conselhos evangélicos são condições inevitáveis para seguir o Mestre e identificar-se com Ele. A Companhia, abençoada pelo sangue das mártires, foi chamada a assumir este testemunho, talvez não com o dom da vida pela fé, mas através da vida quotidiana, algumas vezes heróica, de caridade.

O discípulo missionário, se reconhece pelo “estilo de vida” e por um “estilo de agir” que implicam os conselhos evangélicos de castidade, pobreza e de obediência, assim como a maneira habitual do

seguimento do Mestre, se considerarmos que eles nos conduzem à uma identificação com o Cristo, através das atitudes e da maneira de ser.

Devemos assumir o nosso engajamento no seguimento do Mestre num mundo que mudou muito, desde o início de nossa vocação. Como assumir o que é vital e criativo nesta nova cultura, aprender dela e acolhe-la para o Reino a partir dos conselhos evangélicos? Como anunciar a esperança num mundo que frequentemente está marcado pelo fatalismo e tentado pela desesperança? Como seguir Jesus em seu estilo de vida, numa época afligida pelos sistemas econômicos que estão minando as estruturas sociais da maioria dos países? Que Boa Nova podemos anunciar a partir de nossa experiência dos conselhos evangélicos em um mundo que se distancia de Deus? De uma coisa podemos estar certos: hoje a situação dos pobres tem necessidade, mais do que nunca, da nossa vocação; e a nossa resposta às expectativas dos pobres dependem de nossa condição de discípulos de Jesus casto, pobre e obediente.

Mas, se quisermos enfrentar os enormes e atraentes desafios de hoje, renovando o sentido de nossa aventura no seguimento do Cristo, devemos aprofundar ainda mais a forma como a sociedade e os jovens consideram os Conselhos evangélicos. Como apresentá-los como uma fonte de vida e de energia, e ao mesmo tempo, guardar nossa esperança e a dos outros? Em nossa vocação de Filha da Caridade, os Conselhos evangélicos são os meios: nos entregamos a Deus para o serviço dos pobres

Os conselhos evangélicos estão em forte oposição a muitos valores da sociedade em que vivemos, particularmente na sociedade de consumo, que rapidamente tem se convertido em uma cultura predominante no planeta. A obediência contradiz a ideia da autonomia e do individualismo, a pobreza é um sinal de fracasso e de exclusão; a castidade aparece como uma rejeição absurda do direito humano à sexualidade. Depois de estarmos comprometidos pelos laços dos conselhos evangélicos no seguimento do Mestre, é quase certo que em um determinado momento de nossa vida, encontraremos dificuldades para perseverar. Independentemente das circunstâncias, poderemos ter a impressão que eles nos condenaram a frustração e a esterilidade. Se vivemos os Conselhos como uma expressão do amor de Deus e do amor por Deus, constataremos então que, o sofrimento que eles implicam será frutuoso e que a morte que experimentamos nos abrirá o caminho para a ressurreição. Neste contexto, pede-se ao discípulo de Cristo para aprofundar o sentido das promessas e o sentido da liberdade evangélica.

#### **a) O sentido das promessas**

Hoje, constata-se uma perda de confiança nas promessas. Esta aparece nas crises do matrimônio: a alta porcentagem dos divórcios, os pedidos contínuos de dispensa dos votos de muitos religiosos. Que sentido pode ter hoje, uma palavra dada para sempre?

Uma das razões pelas quais comprometer uma promessa não levada a sério é que as palavras perderam pouco a pouco a sua importância. As palavras perderam sua importância na sociedade porque são abundantes. Pode-se entregar sua vida a uma outra pessoa, inclusive a Deus, pronunciando somente algumas palavras? Para nós, cristãos, ousamos fazê-lo porque o próprio Deus foi o primeiro a comprometer a sua Palavra.



Nossa geração foi chamada de “geração do imediatismo”, porque a cultura que conta é a do momento presente. Isto pode ser a fonte de uma admirável espontaneidade, de um frescor e de um imediatismo no qual podemos nos alegrar, mas, se o momento presente é um momento de pobreza e de fracassos, de derrota e de opressão, então qual esperança podemos encontrar e oferecer? Por sua natureza, os conselhos evangélicos se fazem em função de um futuro desconhecido. Representa um ato de absoluta generosidade, porque conduzem a doação em um único instante, uma vida que deve ser assumida sucessivamente no tempo. Para muitos, atualmente, nossa entrega para um futuro que não se conhece, é algo de absurdo. Quem irei encontrar e como reagirá meu coração, seja em relação a castidade, ou a obediência? Para nós, este ato faz parte de nossa dignidade de filhos de Deus, é uma reação de confiança no Deus da Providência. Os conselhos evangélicos continuam a ser um ato com um sentido muito profundo, um sinal de esperança em Deus.

## **b) O sentido da liberdade evangélica**

O início da pregação de Jesus foi a proclamação da realização das promessas de Deus, anunciada pela boca de Isaías: liberdade para os prisioneiros e os oprimidos<sup>12</sup>. Trata-se de um texto que inspirou São Vicente para elaborar a divisa da Congregação: “*o Senhor me enviou para evangelizar os pobres*”. O Evangelho que devemos testemunhar é exatamente aquele onde fala da opção pelos pobres e ao mesmo tempo da liberdade. Em outras palavras, nosso serviço dos pobres deve compor-se em cultivar e promover em cada um a liberdade absoluta dos filhos de Deus: “*foi para que sejamos homens livres, que Cristo nos libertou*”<sup>13</sup>. Portanto, é um paradoxo que nós, que devemos levar a liberdade aos outros e que devemos ser livres, pretendamos comprometer nossa liberdade renunciando a nossa própria vontade. Para o mundo atual que aspira a liberdade, a obediência é um escândalo. Mas qual é a liberdade que aspiramos?

O que chamamos de “um mundo livre”, caracteriza-se com frequência por uma incapacidade de organizar sua vida e controlar seu destino. Os conselhos evangélicos nos colocam diante de questões, tais como: Que tipo de liberdade desejamos viver no Cristo? De que forma os conselhos evangélicos a expressam? Como eles nos ajudam a viver a liberdade dos filhos de Deus? Para falar de liberdade e entregar a nossa vida na Companhia devemos pegar como modelo Jesus obediente ao Pai. É a liberdade do ser, a liberdade daquele que ama.

Em resposta ao apelo do Cristo que nos convida a segui-Lo e a sermos testemunhas de sua caridade na entrega total, os conselhos evangélicos reclamam todo o nosso ser.

## **DUAS DIMENSÕES PARA VIVER OS CONSELHOS EVANGÉLICOS À EXEMPLO DO CRISTO.**

1 - Os Conselhos evangélicos expressam a dedicação total no seguimento do Mestre que nos seduziu. Porque reconhecemos nELE o modelo dos modelos, não segundo o estilo superficial dos heróis de hoje, mas como um modelo que me conduz, que se converte no Senhor de minha existência e que desejo seguir radicalmente, que luto para me identificar a Ele na castidade, na pobreza e na obediência e assim viver minha vocação. Estes conselhos expressam a totalidade e a radicalidade do seguimento do Mestre.

Deste primeiro elemento, podemos deduzir que os conselhos evangélicos radicalizam a consagração batismal que implica toda a vida. Este carácter unificador dos conselhos evangélicos afeta todo o ser da Filha da Caridade e estende-se também a sua missão, estreitamente unida ao fato de que, a vivência de um, faz crescer todos os outros, da mesma forma que a falta de um enfraquece os outros.

2 - Os conselhos evangélicos têm um carácter claramente apostólico: eles liberam para a missão, encaminham de maneira irresistível o apelo de Deus face a entrega apostólica. O amor dá a liberdade, que produz a disponibilidade. Os conselhos evangélicos nos colocam sempre em situação de partida, em atitude de desinstalação. Estimula-nos a permanecermos de pé, prontos para responder aos apelos. Os conselhos evangélicos que não são essencialmente apostólicos, não são autenticamente vicentinos.

## **ALGUNS ESCLARECIMENTOS SOBRE CADA CONSELHO EVANGÉLICO**

### **A CASTIDADE: AMOR NO CELIBATO<sup>14</sup>**

#### **a) Radicalização do amor**

Com relação à castidade que libera e amplia o coração às dimensões do coração do Cristo, a primeira coisa que é preciso afirmar é que se trata de uma radicalização do amor: dom de Deus, fruto do amor que Ele tem por nós. Por isso é impossível viver a castidade sem uma grande capacidade de amar, ou seja, a densidade do amor de uma Filha da Caridade se deveria medir pela sua capacidade de admiração por tudo o que ela renunciou. Consequentemente, tudo o que é afeto, generosidade, dedicação, amizade, deve animar sua vida de tal maneira que aqueles que deles se beneficiam descobrem nela o amor de Deus.

À luz desta grande verdade, a castidade hoje, não se identifica com a virtude da pureza que se poderia representar por uma estátua de mármore: branca, limpa mas terrivelmente fria. Não acredito na castidade de uma Irmã que é apenas pura, se sua ascese não se traduz em afeição missionária, em maternal misericórdia, em paciência fraterna. Se nossa experiência de castidade não é uma radicalização do amor, ela se torna uma mutilação, a negação de um valor que é a sexualidade.

#### **b) Perspectiva escatológica**

Deve-se afirmar também que a castidade é um verdadeiro caminho de libertação, uma fonte de fecundidade espiritual. Ela conduz aqueles que a vivem e que a testemunham à uma perspectiva escatológica. A castidade nos dispõe a sermos pobres, desapegados e mesmo obedientes, o que se manifesta, por exemplo na disponibilidade de ir à toda parte. Neste sentido, o efeito imediato da castidade é uma grande capacidade de sair de si e de tudo deixar para responder às necessidades dos pobres.

### **c) Um valor**

A castidade é um valor para ser assumido em um mundo permissivo, onde o sexo se converteu em um objetivo. Somos asfixiados pela publicidade dietética e da beleza passageira da juventude; o controle de natalidade é impressionante, a família desmorona, não existe mais o heroísmo. Pretende-se elevar as uniões homossexuais à dignidade da família, vive-se na superficialidade, o homem perdeu suas referências... age sob os impulsos passionais imediatos e não por um ideal.

Não obstante, este mundo que está condenado por causa de sua desenfreada busca hedonista, é capaz de descobrir, em nós, a novidade da castidade, de perceber que ela denuncia ferozmente o erotismo e ele é uma real afirmação da superioridade do homem sobre o animal, pois a sexualidade é mais do que a genitalidade. Hoje, muitos homens não acreditam na castidade porque para eles é algo absurdo, porém, em muitos casos esta perda de sentido existe porque nós que a vivemos, não a vivemos como um valor. Se não aprendermos a vivê-la de maneira positiva, corremos o risco de envenenar toda a nossa vida. A castidade deve conduzir a amar sempre melhor.

### **d) Humanidade da castidade**

A castidade atinge aspectos essenciais de nossa humanidade, como a necessidade de amar e de ser amado, como a sexualidade, a corporalidade, a capacidade de gerar, a amizade, as relações sociais e comunitárias, o lazer, o repouso. Devemos integrar todos estes elementos em nossa maneira de seguir a Jesus, embora com frequência tenhamos medo de falar sobre o assunto, pois atinge uma área na qual devemos muitas vezes, lutar sozinhos, pelo medo de sermos julgados ou de ser incompreendidos. É com uma personalidade saudável, equilibrada e altruísta que se pode construir uma castidade autêntica, a quem expressando maturidade, chegará à santidade.

### **e) Castidade e celibato**

Na vocação da Filha da Caridade, a castidade implica o celibato. Isto não significa dizer somente que evitamos as relações matrimoniais com uma outra pessoa, a singularidade de uma relação estável de um casal, mas evitamos também as ações e os comportamentos ambíguos.

### **f) Dom de Deus**

A castidade é um dom de Deus, uma graça que o Senhor concede àqueles que chama. Isto é tão verdade que a pessoa que não é capaz de viver a castidade, mesmo se a faz com sacrifícios, ou que apesar de todos os esforços não obtêm resultados efetivos, ou ainda não sente a alegria de ser casto e de constatar que sua castidade é fecunda... esta pessoa manifesta sinais que revelam que ela não foi chamada a Vida Consagrada.

## **A POBREZA: SOLIDARIEDADE COM OS POBRES** <sup>15</sup>

### **a) O sentido cristológico**

A pobreza deve ser assumida como expressão do seguimento de Jesus Cristo, é a característica mais evidente de sua Encarnação. Ser pobre e viver próximo dos pobres, é a maneira de viver que Deus escolheu quando se fez homem. De fato, nenhum outro profeta, nenhum outro líder viveu assim tão pobremente como Ele que, afirmou: “*O Filho do homem não tem onde repousar sua cabeça*”<sup>16</sup>.

A pobreza não é simplesmente o conselho evangélico que melhor nos identifica com o Mestre, mas, é aquele que é o mais universal, o mais acessível para todo o discípulo. Em razão de sua referência ao Cristo, toda Comunidade deve evitar amar mais a pobreza do que o pobre e o Cristo. Esta verdade tem três consequências:

1 - Como os outros conselhos evangélicos, a pobreza é uma atitude exposta à ostentação. Muitos se vangloriam de sua pobreza para denunciar a falta de pobreza dos outros, quando na verdade, nem eles não a vivem bem.

2 - A pobreza é o conselho evangélico que tem implicações e possibilidades mais pessoais. Enquanto que na castidade, as falhas são íntimas; na pobreza, os esforços coroados de sucessos são mais pessoais.

3 - O conselho evangélico de pobreza é aquele que mais atinge os demais, inclinando-os para o bem ou para o mal. Uma Filha da Caridade pobre será mais facilmente casta, e mais facilmente obediente.

#### **b) O sentido apostólico**

A vocação vicentina orienta a pobreza para um sentido missionário: a solidariedade com os pobres. Isto coincide com o carácter apostólico de nossa vocação que, a partir do seguimento de Cristo, é totalmente missionária. A castidade afeta o indivíduo garantindo-lhe uma unidade do seu ser manifestado por um domínio humilde, porém firme, de suas próprias forças; a obediência facilita a ação da superiora e os objetivos da comunidade; a pobreza tem uma influência mais direta na missão: a disponibilidade missionária e o benefício que produz no uso comunitário dos bens.

#### **c) O alcance comunitário**

Esta credibilidade evangélica parece depender mais da pobreza do que da castidade e da obediência. Bastaria apenas pensar na incrível fama de Vicente de Paulo por causa de sua solidariedade com os pobres, ou de Francisco de Assis pelo seu desprendimento pessoal em favor dos pobres, e o de Madre Teresa de Calcutá pela pobreza daqueles que servia.

#### **d) Testemunho evangélico**

A pobreza evangélica exige um comprometimento que compreende: a dependência de Deus, um modo de ser e de possuir, a sobriedade, a dimensão comunitária, a solidariedade com os pobres. A este respeito, é importante reconhecer que na realidade, não somos pobres, seja por causa da nossa origem familiar ou devido as condições de nossa nacionalidade. Não somos pobres no sentido de que não somos como eles, submetidos às incertezas do futuro ou da insegurança do desemprego.

Enquanto as pessoas sofrem com a falta de trabalho, com o perigo de perder o seu emprego, nós sofremos com o excesso de ocupações. Atualmente, não somos pobres no que se refere a segurança social ou o que faz por nós a Comunidade em caso de doença, nem no que concerne as possibilidades de nos especializarmos e de viajar. Devemos reconhecer sem complexo, sem peso de consciência, mas devemos dar testemunho de pobreza! O que é grave, não é ter bens mas, não utilizá-los em função do serviço, da missão e do Reino.

## **A OBEDIÊNCIA: DISCERNIMENTO PARA A MISSÃO<sup>17</sup>**

### **a) Capacidade de escuta**

Com relação à obediência, o que é preciso afirmar é a sua relação com a escuta. De fato, isto está concernente a fraternidade e a vida em comum, baseada hoje no diálogo. A palavra “obediência” vem do latim “obedire”, que significa escutar. A verdadeira obediência acontece quando deixamos nosso irmão falar e que o escutamos até o fim. Este é o caminho para crescermos como seres humanos, estando atentos aos outros para aprender deles. O silêncio e a solidão podem nos ajudar a crescer na atenção e na sensibilidade em relação aos outros. Não esqueçamos que o momento sublime de nossa redenção foi no momento da obediência de Maria, quando ela “escutou” o anjo<sup>18</sup>.

### **b) Atitude de aprendizagem**

A obediência é, antes de tudo, uma abertura do espírito, como acontece em todos os processos de aprendizagem. A obediência torna-se perfeita quando aquele que comanda e aquele que obedece chegam a partilhar uma mesma maneira de ver. A obediência verdadeira estende-se às ideias e aos princípios... A obediência garante a unidade da Companhia e sua fidelidade à sua missão.

### **c) Vida comunitária**

O primeiro lugar onde praticamos a obediência é na vida comunitária, porque é onde escutamos, onde aprendemos, onde partilhamos. O que se busca no diálogo é a unidade do espírito e do coração em vista do bem comum. Dialogamos para aprender um dos outros, para chegar a um consenso e para viver a comunhão fraterna. Tudo isso supõe dedicarmos tempo para o diálogo uns com os outros, por ocasião da elaboração de um projeto comum ou de avaliação de um trabalho que realizamos juntos.

### **d) Responsabilidade pessoal**

A obediência não deve jamais ser uma fuga de nossas responsabilidades, mas ao contrário, é um caminho de estruturação de nossas responsabilidades comuns, de nossas diferentes formas de pensar através das quais podemos nos enriquecer como os nossos carismas pessoais, na realização da missão partilhada. Hoje, a obediência exige que assumamos a responsabilidade que nos compete, para enfrentar os desafios do serviço dos pobres. A capacidade de enfrentar os desafios não deve desaparecer devido uma passividade que não tem nenhuma relação com a obediência. Ainda mais, diante da responsabilidade de acelerar a vinda do Reino, deveríamos nos sentir mais desejosos de uma obediência que nos torna cada vez mais participativos. Às vezes, o que nos impede de fazer coisas novas é o medo de assumir responsabilidades.

Uma compreensão da obediência que se orienta para o diálogo e partilha das responsabilidades poderia dar a impressão que é menos exigente e menos radical que em outras épocas. Parece-me que é exatamente o contrário: na medida em que a responsabilidade de cada um se afirma, a obediência é mais autêntica porque esta exige que entreguemos tudo o que somos, o que recebemos e tudo o que os outros podem nos oferecer. E como sempre, haverá uma tensão entre o processo de diálogo, a busca de um comum acordo e o abandono de si. A última solução será sempre o dom total de seu ser a vontade de Deus, manifestada na comunidade, não como engajamento negociado mas, como um comum acordo, fruto do discernimento sincero, humilde, criativo.

#### e) O sentido pascal

A obediência é inseparável da cruz e tem uma dinâmica pascal, Ela vê e vai além do imediato, pois não depende de nossas coincidências, de nossos gostos, de nossas sensibilidades. Trata-se de imitar o Cristo que se fez obediente até a morte.

### **A VIRGEM MARIA, discípula que discerne, missionária que serve, crente que acompanha**

Como síntese da nossa reflexão, contemplemos a Virgem Maria, sobre a qual São Vicente dizia: *“Foi quem melhor compreendeu o Evangelho e o viveu”*.

#### 1. A VOCAÇÃO DE MARIA NO EVANGELHO DA ANUNCIAÇÃO<sup>19</sup>

A cena da Anunciação permite que nos situemos no caminho da vida simples do discípulo de Cristo. Ela acontece em uma pequena aldeia da Galileia, Nazaré, num ambiente familiar do quotidiano.

O texto destaca dois elementos:

**a) Ação de Deus:** um anjo foi enviado por Deus para anunciar seus desígnios a uma Virgem. O anjo destaca o papel da graça através de suas primeiras palavras: *“Ave cheia de graça, o Senhor é contigo”*. Quase que imediatamente, ele repete: *“Não temas, Maria, pois encontraste graça diante de Deus”*; e por duas vezes ele afirma que a criança: *“Ele será grande e chamar-se-á Filho do Altíssimo”* e no final, insiste: *“o Espírito Santo descera sobre ti, e a força do Altíssimo te envolverá com a sua sombra...pois para Deus nada é impossível”*.

**b) A resposta humana:** a graça não age contra a natureza, mas a supõe. De fato, o tecido da cena bíblica cruza o fio da graça com o da resposta humana. Para destacá-la, o evangelista oferece informações sobre o lugar, a idade de uma jovem, seu nome, seu projeto matrimonial, a ascendência de seu noivo. A primeira reação é uma reação de confusão, de incompreensão, de incerteza: *“pôs-se a pensar no que significaria semelhante saudação”*, e na segunda reação, ela expressa sentimentos idênticos: *“Como se fará isto ?”*; na terceira reação, ela responde com o **Fiat**. Enquanto as palavras do anjo destacam a dimensão teológica, as reações de Maria sublinham a dimensão humana do projeto da vocação de Deus.

Todo serviço de acompanhamento e de formação, esclarecido pela reação daquela que primeiro acreditou, é também uma obra de Deus com a nossa resposta. Esta será sempre uma resposta humana e uma resposta de fé. Queremos ancorar o chamado de Deus que nos faz discípulos e nos envia ao Mestre, que faz de nós missionários, nas condições humanas, iluminadas pela fé.

## **2. ALGUMAS PALAVRAS E ATITUDES DE MARIA NO EVANGELHO**

As primeiras palavras nos apresentam Maria como a Virgem do discernimento, elas fazem dela uma discípula. As palavras seguintes nos apresentam a Virgem do serviço e a tornam missionária. Em geral, estas palavras fazem dela nossa companheira no caminho de formação.

*“Eis aqui a serva do Senhor”*<sup>20</sup>

Resposta ao chamado em forma de oração, ou seja, uma reação de fé a um projeto divino que se realizará no espaço e no tempo, entre as sombras e as luzes do caminho humano. Este Fiat de Maria implica uma condição, sua abertura à voz de Deus e tem como consequência sua fidelidade até o final.

Discípula do “sim” ajuda-nos a dar todos dias um novo vigor à nossa vocação pessoal, a renovar todos os dias, nossa vocação pessoal pelo frescor de nossa disponibilidade.

*“Minha alma glorifica o Senhor”*<sup>21</sup>

Oração plena de louvor e de alegria por causa da reação de sua prima Isabel, que reconhece o Salvador que Maria traz em seu seio.

Nossa Senhora da alegria ajuda-nos a ampliar nosso olhar para compreender a perspectiva cristológica do nosso testemunho cotidiano.

*“Naqueles dias, Maria se levantou e foi às pressas às montanhas, a uma cidade de Judá”*<sup>22</sup>

Reação imediata à presença do Salvador, em seu próprio seio, para partilhá-lo com sua família, através do seu serviço. A união com o Senhor é comunicativa e apostólica.

Virgem da solicitude, sustenta nosso “estar com Ele” para comunicá-Lo, ajuda-nos a testemunhar sua presença para que outros possam crer em seu Filho e segui-Lo.

*“Maria ficou com Isabel cerca de três meses”*<sup>23</sup>

Experiência de vida comunitária no serviço que anuncia a vinda do Salvador; contexto de sua presença no mundo, relações fraternas que tornam-se missão em sua entrega e na comunhão.

Mãe da Igreja e Única Mãe da Companhia ajuda-nos a fazer de nossas relações um anúncio de Jesus Cristo.

*“Maria e José voltaram a Jerusalém à sua procura...eles o encontraram no Templo”*<sup>24</sup>

A descoberta de sua ausência suscita uma reação imediata de uma busca ávida. Maria o procura no Templo: encontram-Lo somente em oração, é preciso, sem cessar, buscá-Lo na intimidade da oração, na fidelidade ao seguimento, na entrega do serviço.

Nossa Senhora da busca, dai-nos a graça de perseverar na oração.

*“Meu filho, porque agiste assim conosco”*<sup>25</sup>

A desaprovação maternal ao Filho que tinha feito seus pais sofrerem com sua fuga entre os peregrinos. Diálogo com a Criança que cresce e se forma num ambiente de obediência e de confiança.

Maria de Nazaré, educadora de Jesus, ilumina nosso trabalho de educação.

*“Sua mãe guardava todas estas coisas no seu coração”*<sup>26</sup>

Crente, Maria interioriza o dom da revelação e do chamado.

Virgem no silêncio, discípula da meditação, missionária do anúncio, ajuda-nos a conservar o espaço interior que nos permite escutar sua Palavra para compreender o Evangelho e colocá-lo em prática.

*“Junto à cruz de Jesus estava de pé sua mãe, Maria...”*<sup>27</sup>

Diante da morte de seu Filho e de seu Deus, Maria se manteve de pé, fiel, numa atitude de quem crer e de discípula. O discípulo corre o risco de ter o mesmo destino que seu Mestre, convencido que a oferta da vida é um ganho.

Nossa Senhora da força e da fidelidade, conforta nosso espírito, consolida nossa vontade, confirma nossa resposta, para que vivamos de maneira pascal nossas dificuldades, capazes de transformar nossos sofrimentos em ressurreição.

Padre Gabriel NARANJO SALAZAR, cm

#### Notas

<sup>1</sup> C 20b

<sup>2</sup> Cf. Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo. Constituições e Estatutos.

<sup>3</sup> DA 57

<sup>4</sup> DA 74

<sup>5</sup> Jo 1, 42

<sup>6</sup> Lc 24,1-35

<sup>7</sup> Is 49,15

<sup>8</sup> Mc 4,1-9

<sup>9</sup> Lc 13,18-19

<sup>10</sup> Lc 13,20-21



- <sup>11</sup> Lc 14,25-33  
<sup>12</sup> Lc 4,14-21  
<sup>13</sup> Gl 5,1  
<sup>14</sup> Cf C.29  
<sup>15</sup> Cf C 30  
<sup>16</sup> Mt 8,20  
<sup>17</sup> Cf C 31  
<sup>18</sup> Cf Lc 1,26-37  
<sup>19</sup> Lc 1,26-38  
<sup>20</sup> Lc 1,38  
<sup>21</sup> Lc 1,46  
<sup>22</sup> Lc 1,39  
<sup>23</sup> Lc 1,56  
<sup>24</sup> Lc. 2, 45-46  
<sup>25</sup> Lc. 2, 48  
<sup>26</sup> Lc 2,19-51  
<sup>27</sup> Jo. 19, 25

**PADRE GREGORY GAY, SUPERIOR GERAL**

**Carta de 03 de junho de 2012**

A todos os membros da Família Vicentina.

Que a graça e a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo permaneçam em seus corações agora e para sempre!

A cada ano, como vocês sabem, propomos um tema de reflexão e de estudo, como Família Vicentina, vinculado às celebrações do nosso santo fundador. No ano passado, consideramos os frutos que a celebração do 350º aniversário suscitou em nós, tanto a nível local, enquanto ramo da Família Vicentina, como no âmbito geral desta mesma Família. Podemos dizer que as diferentes experiências que junto vivemos, fruto de nossa criatividade, nos enriqueceram muito como Família Vicentina.

- As relações mútuas foram reforçadas, outras relações surgiram com novas formas de expressão espiritual, semelhante a nossa.
- a formação vicentina foi aprofundada,
- a criatividade permitiu expressões diferentes de celebrações no aspecto cultural e artístico,
- nossa vocação vicentina se consolidou,
- nossa dimensão espiritual cresceu,
- a busca de proximidade com os pobres se intensificou,
- a dimensão missionária se fortificou.

Estes são alguns frutos que foram partilhados, resultado do convite do ano passado.

Este ano, na linha da mística da nossa Família, convido-os à aprofundar a Colaboração Vicentina. Neste objetivo, proponho-lhes como tema: **Colaboração e Evangelização**, e como lema: *“Trabalhem juntos para compartilhar a Boa Nova e comunicar a vida aos pobres”*.

Permitam-me começar evocando um elemento bem conhecido de todos, onde tudo teve início para nós. Tal como se diz a respeito de Jesus que “tudo começou na Galileia”, podemos dizer que para Vicente “tudo começou em Folleville e em Châtillon”. Como a confissão do camponês, que após o Sermão de 1617 em Folleville, abre os olhos de Vicente à miséria humana, em todas as suas dimensões, da mesma forma a experiência solidária suscitada em Châtillon, após ter feito o relato sobre as necessidades de uma família, revelou-se-lhe o apelo a uma ação organizada diante da pobreza das pessoas. Foi desta mesma maneira que nascemos como Família, uma família que quer ajudar os pobres em suas necessidades materiais imediatas, mas também dedicar-se às suas necessidades espirituais que os tornam ainda mais pobres. Diria mesmo, uma Família que interpela e denuncia, através de seu estilo de vida, as estruturas que empobrecem.

Pelo batismo, somos parte efetiva de um projeto, o projeto de Deus, revelado por seu Filho Jesus Cristo e que os evangelhos relatam claramente: trata-se do Reino e da sua Justiça. Como Família Vicentina, temos o privilégio e é uma bênção, ter uma espiritualidade que nos permite viver, hoje, este projeto de Vida, a espiritualidade que vem de um homem que se perguntava a cada dia: “O que faria o Filho de Deus nesta situação ou nesta outra...?”.

No entanto, esta Família encontra-se mergulhada num mundo que, diariamente, distancia-se do conceito de família e prefere um estilo de vida individualista, competitivo e egocêntrico, ou seja, desumano, pois o ser humano, em seu sentido mais profundo não tem sentido, sem o Outro.

Em resposta a isto, temos uma proposta alternativa para tal mundo. Não somente porque a nossa maneira de viver busca transformar este mundo, para que ele se torne uma boa nova para o ser humano, transformação que se realiza pelo anúncio da Boa Nova aos pobres, mas também porque podemos e queremos ser uma referência por nossa maneira de trabalhar em equipe. Cada ramo é muito diferente, o que nos enriquece, mas nosso fio condutor é Jesus Cristo e cada um vive-o de maneira diferente. Isto acontece há mais de quatrocentos anos: é o estilo vicentino, isto é, *“Jesus Cristo aqui e agora”*.

Na prática, convido-os à:

- 1 - reforçar as organizações locais e regionais que fazem de nós uma Família. Caso não existam, deve-se estabelecer as bases para criá-las,
- 2 - reforçar os projetos para os pobres, projetos assumidos como Família. Os projetos que cada ramo realiza são bons, mas se fizermos projetos em comum, serão ainda melhor,
- 3 - organizar espaços de celebração e de oração em comum, como Família, aproveitando os diferentes acontecimentos locais e regionais : aniversários, jubileus, festas vicentinas, entre outros.

Sei que cada ramo, assim como a Família em geral, passa por diferentes situações que muitas vezes desencorajam os membros e em certos momentos podem tornar o trabalho difícil. Por vezes, são

mesmo tentados a seguir projetos desumanos dos quais falamos acima. No entanto, os Vicentinos não nasceram para isto, eles nasceram para gerar a Vida e como diria o Mestre: “*a vida em abundância*”. Eis porque, gostaria que nós nos detivéssemos nas qualidades que cada ramo e que cada membro possuem. Se unirmos estas qualidades, poderemos fazer um bom trabalho e nossos mestres serão beneficiados.

Para terminar, gostaria que refletíssemos sobre esta metáfora que, certamente, muitos já a conhecem, mas que toda vez que nela pensamos, podemos concebê-la de forma diferente.

### ***Assembleia numa carpintaria***

*Contam que na carpintaria houve uma vez uma estranha assembleia. Foi uma reunião de ferramentas para acertar diferentes problemas sobre suas diferenças. O martelo foi o primeiro a exercer a presidência, mas os participantes lhe notificaram que teria que renunciar. A causa? Fazia demasiado barulho e, além do mais, passava todo tempo golpeando. O martelo aceitou sua culpa, mas pediu que também fosse expulso o parafuso, dizendo que ele dava muitas voltas para conseguir algo.*

*Diante do ataque, o parafuso concordou, mas por sua vez, pediu a expulsão da lixa. Dizia que ela era muito áspera no tratamento com os demais, entrando sempre em atritos.*

*A lixa acatou, com a condição de que se expulsasse o metro, que sempre media os outros segundo a sua medida, como se fora o único perfeito.*

*Nesse momento entrou o carpinteiro, juntou o material e iniciou o seu trabalho. Utilizou o martelo, a lixa, o metro e o parafuso. Finalmente, a rústica madeira se converteu num fino móvel.*

*Quando a carpintaria ficou novamente só, a assembleia reativou a discussão. Foi então que o serrote tomou a palavra e disse:*

*- Senhores, ficou demonstrado que temos defeitos, mas o carpinteiro trabalha com nossas qualidades, com nossos pontos valiosos. Assim, não pensemos em nossos pontos fracos, e concentremo-nos em nossos pontos fortes.*

*A assembleia entendeu que o martelo era forte, o parafuso unia e dava força, a lixa era especial para limar e afinar asperezas e o metro era preciso e exato. Sentiram-se então como uma equipe capaz de produzir móveis de qualidade. Sentiram alegria pela oportunidade de trabalhar juntos.*

A Igreja existe para evangelizar, ou seja, para propagar a Boa Nova. Em nossa espiritualidade vicentina, esta Boa Nova é para os pobres. Que Deus nos conceda a graça de continuar sendo esta Boa Nova, para que nossos Mestres em Jesus Cristo tenham Vida e que ela seja abundante.

Seu Irmão em São Vicente

G. Gregory Gay, C.M.  
*Superior Geral*

## PADRE ELI CHAVES DOS SANTOS, CM

### **União e Colaboração em São Vicente: algumas reflexões para nossa colaboração com a família vicentina**

Durante a Assembleia Internacional da AIC-2011 lembro-me de ter escutado durante um debate uma ideia que tem me ajudado muito. Penso que esta ideia pode também nos ajudar a entender a experiência de colaboração desenvolvida por São Vicente e que deve existir entre nós hoje. Disse a conferencista: *“Quando falamos de ações contra pobreza, identificamos as necessidades da pessoa e buscamos responder. A partir de meu ponto de vista, creio que seria preciso inverter a noção da palavra necessidade e chegar a dizer à pessoa, preciso de você, necessito de você para construir algo juntos. Esta é a melhor forma de ajudá-la a se colocar de pé. Um fato ilustra bem isso: O Abade Pierre dizia que seu primeiro companheiro foi uma pessoa que queria suicidar-se. Disse-lhe o Abade: Faça o que quiser, mas eu preciso de você para construir uma casa, e ele se converteu em seu primeiro discípulo”*<sup>1</sup>.

“Eu preciso de você!” Eu necessito de sua colaboração para construirmos uma obra juntos! Assim experimentou São Vicente em sua relação com Deus, com as pessoas e com os pobres e, a partir daí, mudou sua vida e, junto com muitas pessoas, colaborou com Deus na grande obra de missão e caridade com os pobres. De igual modo, hoje também nós somos convidados a fazer esta experiência de necessitar dos pobres, de necessitar uns dos outros, para continuar a grande obra vicentina!

#### **I – A EXPERIÊNCIA DE SÃO VICENTE: “EU PRECISO DE VOCÊ!”**

Pobre que não queria ser pobre, São Vicente levou um bom tempo de sua vida buscando uma boa posição social. Preocupado mais com interesses próprios e financeiros, conheceu fracassos e decepções. Na medida em que ele se abriu à cooperação dos outros e com os outros, sua vida se transformou e se tornou altamente fecunda. Vejamos alguns exemplos:

##### **1 - SÃO VICENTE DIANTE DOS POBRES: “EU PRECISO DE VOCÊS!”**

Os pobres foram o caminho que levou São Vicente ao encontro consigo e com Deus.

- Como Capelão da Rainha Margarida, o contato com a multidão faminta ajudou-o a perceber a verdadeira realidade de seu tempo e a inquietar-se com a desigualdade social reinante na França.
- Em Clichy, a experiência pastoral com o povo pobre ajudou-o a descobrir a verdadeira religião.
- Em Folleville e em Châtillon, os pobres, pastoralmente abandonados e socialmente famintos possibilitaram-lhe a descoberta dos profundos apelos do Evangelho e do sentido de seu ministério sacerdotal.

Vicente conheceu e escudou os gritos externos e internos dos pobres de seu tempo. Deixou que essa realidade lhe tocasse o coração. Aprendeu que realidade sofrida dos camponeses marginalizados, dos escravos das galeras, das crianças abandonadas, dos doentes sem assistência, dos pobres famintos, constitui um grave desrespeito à dignidade humana dos filhos de Deus. A realidade, e sobretudo a realidade dos pobres mais abandonados, manifestou-lhe um poder revelador e transformador de sua pessoa e de seus compromissos.

Na escola dos pobres, São Vicente ultrapassou a compreensão da fé cristã como mera adesão a verdades abstratas, captou e discerniu na realidade concreta os apelos de Deus, presentes nos clamores das pessoas sofridas, abandonadas e excluídas. Entendeu que os pobres eram vítimas de um regime sócio-político-econômico que os fazia padecer os efeitos nefastos, sobretudo, da fome, da peste e da guerra, ao contrário dos que consideravam os pobres como desnecessários, que deveriam ser aprisionados para se manter a ordem e limpar as cidades, São Vicente viu nos pobres a imagem de Cristo desfigurado, viu a dignidade de filho de Deus desrespeitada. O pobre se constituiu num mestre que lhe mostrou a fé comprometida com a prática da missão e da caridade e num colaborador indispensável para o trabalho de evangelização e de caridade. Expressão máxima desta colaboração dos pobres encontramos nas Filhas da Caridade, jovens camponesas pobres, congregadas e formadas para o serviço da caridade.

A percepção dos clamores dos pobres presentes na realidade, assumidos numa atitude ativa de compaixão humana e cristã, levou São Vicente à ação efetiva e afetiva de serviço aos pobres, através de uma intensa ação missionária e caritativa. Com os pobres, pelos pobres e para os pobres, abriu-se, com generosidade e criatividade, aos múltiplos apelos da realidade e nenhuma miséria humana lhe foi indiferente.

## **2 - SÃO VICENTE E A COLABORAÇÃO DOS LEIGOS: “EU PRECISO DE VOCÊS!”**

Em Châtillon, diante de uma família em grave estado de abandono e fome, São Vicente fez um apelo aos fiéis para socorrê-la. *Com a colaboração dos leigos*, em especial das mulheres, começou a obra das **Confrarias da Caridade**. De volta aos Gondi, após sua experiência missionária de Folleville, ele contou com o incentivo e a valiosa *ajuda de Madame de Gondi*, para iniciar a obra das missões e fundar a **Congregação da Missão**. Diante do aumento do serviço dos pobres e das limitações das Senhoras da alta sociedade, soube acolher a colaboração de *Luisa de Marillac e da humilde jovem camponesa Margarida Naseau*, e aí nasceu sua iniciativa talvez mais inovadora, a **Companhia das Filhas da Caridade**.

Estes três acontecimentos ilustram a grande importância dos leigos, especialmente das mulheres, na obra vicentina. É grande a lista das pessoas leigas, sobretudo das mulheres, que rodearam toda a vida e trabalho de São Vicente. Esta colaboração levou-o a perceber e destacar o papel e a importância dos leigos na missão da Igreja. Estes têm uma vocação divina de participação na missão de Cristo e não devem ser apenas um receptor passivo, mas, ao contrário, devem por palavras e ações atuar na vida e trabalho da Igreja. E, dentro do ministério laical, São Vicente teve especialmente com as mulheres uma parceria fundamental para seu trabalho missionário e caritativo. Como colaboradoras e mantenedoras, é notável e decisiva a presença de inúmeras mulheres na obra vicentina de serviço aos pobres da cidade e do campo. Até então marginalizadas social e eclesialmente, as mulheres foram reconhecidas e promovidas em seus valores e qualidades e tiveram uma participação decisiva na organização da caridade e da evangelização.

## **3 - SÃO VICENTE E SEUS COMPANHEIROS DE MISSÃO: “EU PRECISO DE VOCÊS!”**

Após o primeiro sermão de São Vicente, em Folleville, foi preciso recorrer à ajuda dos jesuítas de Amiens para atender às confissões. Diante dos inúmeros apelos e necessidades das missões, buscou inicialmente colaboradores ocasionais entre conhecidos do clero de Paris, e descobriu que sozinho

pouco poderia fazer. Em 1625, São Vicente se associou a uns sacerdotes, para a obra das missões, dando início à Congregação da Missão.

O encontro com a necessidade pastoral dos pobres foi o ponto de partida para a fundação da Congregação da Missão. Esta nasceu não de um plano preconcebido, mas como resposta às necessidades missionárias lidas à luz da fé. Surgiu como um projeto de colaboração entre sacerdotes para a missão. Os apelos de Deus na realidade levam as pessoas a somarem forças e a colaborarem entre si. São Vicente soube ler esses apelos e articular as pessoas para um projeto missionário conjunto, de cooperação mútua, como ‘amigos que se querem bem’.

A atitude de abertura de São Vicente para a colaboração dos outros e com os outros se manifesta também na configuração da Congregação da Missão. Após a experiência de muitos anos, a Congregação se organizou e teve a sua configuração jurídica, comunitária e missionária definitiva (só em 1658, uns trinta e três anos após a sua instituição, é que teve suas Regras definitivas). Ela passou por um processo de construção, que recolheu o aprendizado do trabalho missionário e a colaboração de seus membros e de muitas outras pessoas. O resultado desta colaboração, sob a inspiração e coordenação de São Vicente, possibilitou à Congregação um estilo original de vida missionária, com práticas, estruturas, espiritualidade próprias.

Ainda, a Congregação se tornou um instrumento e um espaço de colaboração para a missão. São Vicente descrevia a Companhia como “pobres missionários que vivemos simplesmente com o único propósito de servir à pobre gente do campo”. E foi graças a esses pobres missionários congregados, em colaboração com tantas outras pessoas, que a evangelização dos pobres se estendeu por toda a França e por outros países, que se desenvolveu notável obra social de combate à pobreza, que se colaborou grandemente para a reforma do clero, que se empreenderam diversas e significativas iniciativas de revitalização da Igreja francesa no século XVII.

#### **4 - SÃO VICENTE DIANTE DE LUÍSA DE MARILLAC: “EU PRECISO DE VOCÊ!”**

Por volta de 1625, Luísa de Marillac foi indicada pelo seu antigo Diretor Espiritual, Jean Pierre de Camus ao Pe. Vicente para que este fosse seu novo diretor espiritual. Neste acompanhamento espiritual, se desenvolveu uma profunda e fecunda parceria de amizade, de intercâmbio espiritual e de serviço aos pobres.

Luísa era uma viúva de uns 35 anos, cheia de sofrimentos pessoais e de inquietações espirituais. A partir de 1629, São Vicente de Paulo associou Luísa à sua obra caritativa. Ele propôs a ela visitar as Confrarias da Caridade, ajudando na animação e organização do serviço aos pobres. Nesta atividade, ela experimentou o amor de Deus, revelado em Cristo evangelizador e servidor dos pobres. Libertou-se de suas angústias e hesitações pelo amor aos pobres. O horizonte de sua vida se dilatou; mais importante que fazer 33 atos de adoração por dia para honrar os 33 anos de vida de Jesus, percebeu que Deus é amor e quer que vamos a ele pelo amor. Sob a orientação segura do Pe. Vicente, abraçou uma devoção libertadora, simplificou sua piedade e se ocupou com as obras de caridade.

No serviço de fé aos pobres, Luísa se abre ao diferente revelado por Deus nos pobres; e aí se descobriu uma mulher forte, virtuosa, dotada de dons excepcionais de liderança e de organização,

de criatividade e de audácia, o que possibilitou desenvolver uma fecunda parceria com o São Vicente no serviço caritativo frente às mais variadas formas de pobreza. Pela graça de Deus e pela maestria de seu diretor, descobriu sua verdadeira vocação, tornando-se a primeira Filha da Caridade, e co-fundadora de uma nova comunidade, original e altamente inovadora, e que será fundamental na expansão da obra vicentina de serviço aos pobres.

Em estreita colaboração e em espírito de comunhão com o Pe. Vicente e todos os demais colaboradores e colaboradoras, Luísa foi decisiva na formação e animação da grande rede vicentina da caridade. Com sua sensibilidade feminina e suas qualidades humanas, soube acreditar na força dos pequenos, no potencial das jovens pobres e camponesas e ajudou a congregá-las e a formá-las para caridade. A colaboração estabelecida entre São Vicente e Santa Luísa foi além de uma simples parceria operativa; constituiu-se numa verdadeira permuta de dons, uma reciprocidade cultivada pela mística da caridade, pela amizade fecunda e pela ajuda mútua no crescimento em direção à santidade.

## **5 - SÃO VICENTE E SEUS MUITOS COLABORADORES ECLESIASTICOS E POLÍTICOS: “*EU NECESSITO DE VOCÊS!*”**

A vida de São Vicente foi uma teia enorme de relações e de colaboração mútua. Sua ação não foi algo que nasceu pronta de sua cabeça, de modo voluntarista e personalista. Foi fruto de uma atenta leitura dos sinais dos tempos, de um difícil discernimento, realizado na convivência, em colaboração e com a ajuda de muitas pessoas:

### **a) Em sua própria realidade pessoal**

São Vicente era um homem impulsivo, inclinado à melancolia, teve que trabalhar muito sua susceptibilidade, teve crises de fé, teve que aprender e buscar práticas e métodos para poder ser um bom missionário. Ele se construiu, pessoal e espiritualmente, sabendo buscar ajuda, sabendo necessitar dos outros. Em sua formação inicial, contou com a generosa colaboração de Sr. De Comet. Nos anos difíceis de crise e busca pessoal (1608-1912), teve em Pierre de Berulle um orientador que o ajudou a superar suas crises de fé e avançar em direção a uma maturidade humana e espiritual. Na elaboração de suas convicções de fé, de sua espiritualidade, soube buscar em autores espirituais e em amizades sólidas as luzes seguras para o crescimento na fé, para reformular seus esquemas mentais e práticos (por exemplo, na teologia do Concílio de Trento e no ensinamento de Santo Inácio, solidificou os fundamentos teológicos para sua vida e trabalho; em Benoît de Canfield, descobriu a importância de buscar a vontade de Deus e a ela se conformar; em Berulle, encontrou ajuda para reorientar sua vida sacerdotal em direção ao serviço pastoral e aprofundou a centralidade do Verbo Encarnado na vida de fé; em São Francisco de Sales, acolheu a concepção do amor expresso em obras, com mansidão e bondade; muito foi ajudado pela sábia e segura orientação de seu segundo Diretor Espiritual, o Pe. Duval).

### **b) Sua relação com as autoridades eclesásticas,**

A relação de São Vicente com as autoridades eclesásticas, sobretudo os bispos, foi intensa e daí partiram muitos de seus trabalhos: iniciou a obra de reforma do clero após discernir e acolher a proposta do Bispo de Beauvais. São Vicente desenvolveu suas iniciativas sempre dentro de um

profundo senso de colaboração eclesial, sob três aspectos: Primeiro, buscou sempre agir em sintonia com o pensamento e orientações da Igreja, seguindo fielmente as orientações do Concílio de Trento e as orientações particulares dos Bispos. Segundo, sempre em espírito de comunhão e de obediência à Igreja, buscou o apoio e aprovação do Papa e dos bispos para suas iniciativas e fundações. São Vicente se sentia humilde e obediente servidor, sempre disposto a ouvir a voz do Papa e dos bispos e aceitar suas decisões, tanto a nível pessoal como a nível comunitário. No entanto, soube argumentar e buscar apoios para superar obstáculos e conseguir a aprovação do Papa e dos bispos para suas iniciativas e fundações (por exemplo, a aprovação da Congregação, dentro de sua especificidade de isenção em relação aos bispos). Finalmente, colocou suas iniciativas e fundações sempre a serviço da Igreja, procurando ir ao encontro das necessidades pastorais, atendendo aos apelos dos bispos e colaborando com outras associações eclesiais (Companhia do Santíssimo Sacramento e Congregações) em obras caritativas.

### **c) Com as autoridades políticas e os poderes públicos**

São Vicente desenvolveu uma ampla e complexa relação colaborativa. Teve uma grande relação com ilustres pessoas e famílias ricas e de grande prestígio no cenário político e econômico francês. Contou com a colaboração dos poderes públicos e de inúmeras pessoas da alta sociedade para consolidar suas obras missionárias e para sua ação caritativa, como, por exemplo, quando organizou durante a guerra dos Trinta Anos e das duas Frondas uma imensa rede de recolhimento, armazenamento e distribuição de ajudas que chegaram em quase todas as regiões da França. Por nomeação da Rainha Regente, Ana da Áustria, atuou como membro do Conselho de Consciência, uma espécie de Ministério do Culto, que tinha várias tarefas em assuntos eclesiásticos, como a nomeação de bispos. Teve intervenções claras em assuntos políticos (e sem êxito), por exemplo: em 1638, intercedeu junto a Richelieu, a paz em favor da Lorena, vítima de devastações por parte do exército; apresentou a Richelieu a proposta de ajuda de 3.000 libras para financiar uma força militar para agir na Irlanda em defesa dos católicos oprimidos pelas tropas inglesas invasoras; por duas vezes, uma pessoalmente e outra por carta, pediu ao primeiro ministro Mazarino, durante a guerra civil das Frondas, que se demitisse para restabelecer a paz e terminar o sofrimento do povo.

Homem de sua época, São Vicente aceitava a estrutura social feudal, de absolutismo do rei e de aliança entre o poder político e o poder religioso e atuou dentro desta estrutura sociopolítica. No entanto, mostrava certo incômodo diante da diferença entre seus critérios e os critérios políticos; procurava e recomendava não misturar assuntos religiosos com assuntos políticos. Na verdade, buscou colaboração com o poder político, mas não era propriamente um homem político e não agia com motivações políticas e em vista de favores e benefícios pessoais. Sua principal preocupação era o bem público, particularmente, o bem dos pobres, e isso explica suas intervenções diretas e indiretas na política.

## **II – ELEMENTOS ILUMINADORES PARA A NOSSA COLABORAÇÃO HOJE COMO FAMÍLIA VICENTINA: “PRECISAMOS UNS DOS OUTROS”**

O trabalho empreendido por São Vicente não foi uma obra de caráter meramente pessoal. Foi uma grande obra comunitária e participativa, um trabalho em equipe (em rede, dizemos hoje). São Vicente reuniu ricos e pobres, membros do clero e leigos, homens e mulheres. Mobilizou e formou



as boas vontades, contou com importante colaboração de outras pessoas para fundar suas instituições (Confrarias da Caridade, Congregação da Missão, Companhia das Filhas da Caridade), envolveu os poderes públicos, viu que a colaboração era a chave para o êxito no serviço aos pobres. A experiência de São Vicente é hoje um grande convite para a colaboração entre os grupos da Família Vicentina. Desta rica experiência podemos encontrar luzes e orientações para a colaboração entre nós hoje:

**a) Uma colaboração a partir dos apelos dos pobres e em colaboração com os pobres.**

Toda ação participativa e comunitária de São Vicente surgiu, se estruturou e se desenvolveu a partir dos pobres, com os pobres e para os pobres. A partir da leitura da realidade com os olhos da fé, desenvolveu uma verdadeira colaboração realizada na opção solidária pelos pobres. A partir dos pobres, São Vicente conviveu com os pobres, partilhou suas condições de vida, entrou nos seus sentimentos, aprendeu com eles. Com os pobres, atuou ao lado deles, assumiu sua causa, defendeu seus interesses, despertou sua colaboração e serviu-os com amor e abnegação, humildade, simplicidade, autenticidade, mansidão e delicadeza. Para os pobres, encaminhou todas as atitudes, atividades, esforços, capacitações e recursos humanos e materiais para um efetivo serviço dos pobres.

Hoje, esta colaboração deve nascer dos apelos concretos dos pobres e se desenvolver no serviço efetivo de transformação da realidade geradora de pobreza. Significa uma busca conjunta e organizada de resposta aos apelos concretos dos pobres, através de uma metodologia de reciprocidade, que desenvolve as potencialidades e a participação dos pobres, que se encarna na vida e na cultura dos pobres, que processa o diálogo entre o saber, a cultura e a fé do pobre e dos agentes servidores (parceiros) dos pobres. A verdadeira colaboração em favor dos pobres não pode ser lugar para experimentos e improvisações, para negócios e comportamentos particulares e sectários e para busca de satisfação de interesses financeiros, grupais e pessoais.

**b) Uma colaboração em favor dos pobres a partir da mística evangélica de fé, caridade e justiça.**

São Vicente amou e serviu os pobres dentro de uma mística de caridade evangélica: *“A caridade está acima de todas as regras e é preciso, pois, que todas as coisas a ela se relacionem. É uma grande dama, é preciso fazer o que ela ordena”*; *“Não pode haver caridade se não for acompanhada da justiça”*; *“A caridade é inventiva ao infinito”*. Nos evangelhos, entre Jesus e o pobre existe uma relação imediata: o que se faz ao pobre se faz a Cristo. O pobre é mediação viva do Senhor, sua expressão real e não apenas um intermediário. Ele é, neste sentido, sacramento de Jesus: manifestação e comunicação de seu Mistério, lugar de revelação e presença. A percepção dos apelos dos pobres lidos à luz da fé levou São Vicente a descobrir e seguir Cristo evangelizador e servidor dos pobres. Ele encarnou em sua vida a aliança do amor de Deus, em Cristo, com os pobres. *“Servindo os pobres, serve-se a Jesus Cristo”*.

Esta mística evangélica experimentada por São Vicente fundamenta e motiva toda a colaboração vicentina. *“A caridade é um amor elevado acima dos sentidos e da razão”*, é dom do Espírito, é a alma e a medida de nossa ação. É o princípio de discernimento e guia de toda nossa ação e nossa vida de fé. É a força transformadora da vida, da sociedade, que projeta uma luz nova sobre as

relações pessoais e sociais e que requer atitudes novas de respeito à dignidade humana, de justiça, de amizade, de solidariedade... A caridade nasce da fé e caminha de mãos dadas com a justiça, dá um sentido pleno, libertador e divino à vida e trabalho vicentinos. A caridade permite experimentar em profundidade a amplitude do verdadeiro amor social.

A caridade possibilita gerar nas pessoas envolvidas na ação pastoral novos valores, experiências, atitudes e práticas, para além da execução das atividades e da busca dos resultados objetivos e materiais estabelecidos na ação meramente social. Ela possibilita aos envolvidos a construção de uma vida e uma ação comprometidas com a busca de uma sociedade solidária, com a gestação de novas relações humanas baseadas na gratuidade e na fraternidade, no desenvolvimento de um sentido pleno de vida. Sem a caridade, a colaboração em favor dos pobres pode, com a ajuda dos sofisticados e avançados meios e recursos modernos, alcançar sucesso e produzir resultados, mas será vazia de calor e afeto, de sonho e esperança e incapaz de promover um verdadeiro, humano e integral desenvolvimento das pessoas mais pobres e vulneráveis.

### **c) Uma colaboração com profundo senso eclesial:**

A colaboração desenvolvida por São Vicente não é uma obra isolada, à parte da vida e ação da Igreja. A Comunidade Eclesial é o corpo místico de Cristo, comunidade evangelizadora e missionária a serviço da misericórdia e dos pobres. A partir desta compreensão, insistiu na importância da união e comunhão dentro da comunidade e em toda a Igreja; insistiu na colaboração e corresponsabilidade de todos para o bem do corpo dentro da diversidade de funções e no compromisso de misericórdia para com os pobres, os membros sofredores da Igreja.

A colaboração vicentina há de ser uma expressão viva de missão e caridade em favor dos pobres, dentro da Igreja, com a Igreja e para o bem da Igreja. Nossa identidade vicentina se fundamenta e se constrói no compromisso missionário e caritativo com os pobres. Neste compromisso é que se define nosso lugar específico e nossa colaboração dentro da Igreja. A colaboração vicentina, em unidade com o Papa e Bispos, inserida na realidade pastoral das nossas Igrejas Particulares, em parceria com os grupos eclesiais, deve somar forças, sempre em direção a um testemunho profético e missionário em favor dos pobres. Longe de nós uma ação isolada ou paralela, longe de nós, o esvaziamento de nossa espiritualidade, longe de nós a tentação de opção por uma ação de sucesso, de prestígio social e eclesial, em prejuízo do compromisso engajado e libertador junto com os pobres!

### **d) Uma colaboração que empodera os pobres e os colaboradores dos pobres**

São Vicente foi mestre de empoderamento<sup>2</sup>, desenvolveu processos que ajudaram pessoas a se deslançarem na vida e no serviço e, especialmente, ajudaram os pobres, as mulheres, os padres a descobrirem sua dignidade e sua força para buscar uma vida melhor, de mais dignidade e justiça. A cooperação no trabalho com os pobres consiste em ajudar os pobres e seus parceiros a descobrir seu próprio poder para se desenvolverem e se autolibertarem de toda exclusão, vulnerabilidade e pobreza – de fato, os pobres, cada parceiro, têm um poder, uma fé capaz de evangelizar e de desencadear processos de renovação e de libertação! A prática de colaboração missionária e caritativa deve ser uma ação a partir da fé capaz de ajudar todas as pessoas a descobrir e desenvolver sua força interior, capaz de transformar a si mesma e de transformar a realidade em que

vive. É preciso conhecer esta riqueza que toda pessoa, que cada associação parceira no trabalho conjunto, carrega dentro de si. Trabalhar para desencadear um processo de empoderamento é uma tarefa importante e urgente, como força e poder para um crescimento e libertação pessoal e social. Nesta articulação e empoderamento de forças dentro do espírito vicentino, faz-se necessário saber acolher e mobilizar os próprios pobres para o serviço, valorizar e promover o potencial missionário dos leigos, em especial das mulheres e empenhar-se fortemente na formação dos colaboradores, dando-lhes capacitação técnica, humana e espiritual, tornando-os não funcionários, mas servidores.

#### **e) Uma colaboração criativa, atualizada e diversificada**

São Vicente, com conceitos e meios próprios de seu tempo, empreendeu o serviço aos pobres compreendido como defesa e promoção da dignidade dos filhos de Deus; atuou de modo criativo e em diversas frentes no combate à pobreza, com participação das pessoas e organizações, dentro e fora da Igreja.

A experiência de São Vicente somando as forças vivas em favor dos pobres é um horizonte a ser explorado na colaboração vicentina. A caridade, que caminha de mãos dadas com a justiça, indica que a ação de assistência e promoção social dos pobres deve ser buscada primeiro como atendimento aos legítimos direitos da pessoa, onde o pobre não é objeto de um favor, de um ato caritativo, mas sujeito de direitos. Nisto, o serviço da caridade possui uma dimensão sociopolítica; requer busca dos legítimos direitos humanos e atuação contra os fatores injustos acumuladores de riqueza e geradores de empobrecimento.

A ação vicentina deve somar forças com os diversos atores sociais, os pobres, os políticos, as organizações sociais, os movimentos populares, para que cada um, segundo suas possibilidades e qualidades próprias, se unam na obra comum em prol de uma sociedade mais justa, humana e solidária. Seguramente, como aconteceu com São Vicente, esta colaboração exigirá muito aprendizado e discernimento e exigirá assumir e superar os muitos conflitos possíveis. Importa que a contribuição vicentina se oriente sempre pelos critérios evangélicos da justiça social, da doutrina social da Igreja. Em tudo, faz-se necessário agir criticamente, interagindo com a realidade e as forças sociais, e agir sempre em benefício dos interesses dos pobres, sem se deixar manipular e sem cair na busca e defesa de interesses injustos, partidários e contrários à causa da justiça e da fraternidade.

#### **f) Colaboração na humilde reciprocidade e permuta de dons.**

Olhando São Vicente não como centro, mas a partir das pessoas, de seus inúmeros colaboradores que estão ao seu redor, descobrimos um São Vicente como um exemplo de articulação das forças, de organização das boas vontades, um notável exemplo de quem se sentiu necessitado do outro e se abriu à ajuda mútua. Não é por acaso que em toda sua vida e obra ele colocou a humildade como virtude fundamental. A humildade, a virtude de Jesus Cristo, implica em admitir que todo o bem vem de Deus. Inclui o reconhecimento de nossas limitações, acompanhado por uma confiança sem limites em Deus.

A humildade supõe um constante esvaziar-se de si mesmo, da arrogância, da prepotência e auto-suficiência. Isso nos torna dependentes de Deus e exige uma interdependência entre as pessoas.

Ninguém se basta a si mesmo, nenhum ramo da FV pode se considerar autossuficiente, não necessitado de ajuda. A colaboração nos leva a considerar o pobre e os outros colaboradores como alguém que tem qualidades e potencialidades a desenvolver, e que podem nos ajudar a crescer na caridade. Uma atitude nova de reciprocidade, de interdependência e de abertura à colaboração do outro requer uma relação fraterna, sem discriminação e interesses de poder. Na humilde permuta de dons se torna possível o crescimento na caridade e a constituição de uma verdadeira aliança na missão vicentina.

## CONCLUSÃO

*“É preciso correr para atender às necessidades de nosso próximo como se fosse para apagar um fogo”*, dizia São Vicente. Com palavras, atitudes e ações efetivas, assumiu como sua a realidade dos pobres e empenhou-se em socorrê-los, na medida do possível, em suas necessidades. E fez tudo isso buscando unir e organizar todas as boas vontades, de modo que corressem juntas, unidas, organizadas e em regime de colaboração. Nos passos de São Vicente, a Família Vicentina saiba se unir, se organizar e correr todos juntos para colaborar na grande tarefa de servir os pobres!

Padre Eli Chaves dos Santos, CM

### Notas

<sup>1</sup> Retirado da Conferência de Elena Lascida, La Educación como medio para erradicar la pobreza, proferida na Assembleia Internacional da AIC, em El Escorial, 2 de abril de 2011 – [www.aicinacional.org](http://www.aicinacional.org) - As

<sup>2</sup> Tomo aqui a palavra “empowerment”, pode ser traduzida como “empoderamento”, consiste no processo de se reconhecer em alguém o poder de se desenvolver a partir de suas próprias potencialidades para conseguir ser o autor de toda ação de mudança pessoal e social.

## VISITA DOS SUPERIORES

Província de San Sebastian

### **Visita de Mère Evelyne Franc e Irmã Rosa Maria Miro, Assistente geral à Comunidade de Bebalem no Chade 1 a 3 de dezembro de 2011**

Por ocasião do décimo aniversário da nossa chegada ao Chade, tivemos a alegria de acolher, primeiro o nosso Superior geral, o Padre Gregory, em maio de 2011, e depois nossa Superiora geral, Irmã Evelyne Franc, em dezembro do mesmo ano.

A Comunidade de Bebalem no Chade pertence à Província de San Sebastian da Espanha. Por causa desta situação particular, a Visitadora da Província de San Sebastian acompanhou Irmã Evelyne e Irmã Rosa Maria Miro, Assistente geral, durante sua visita.

As visitantes foram acolhidas no aeroporto internacional de N’Djamena, capital do Chade, e juntas, dirigimo-nos para Bebalem, lugar de nossa missão. É uma cidade campestre situada ao sul do Chade, a 70 km de Moundou, e para chegar à capital é necessário um dia de estrada..

No dia seguinte, juntas, percorremos a cidade, visitando primeiro as pessoas idosas que vivem sozinhas. Irmã Evelyne e Irmã Rosa Maria cumprimentaram a cada uma, ajoelhando-se próximo delas com afeição e respeito, maravilhando-se ao vê-las tão alegres, quando vivem em condições de miséria. Depois, elas se encontraram com diversas famílias, algumas pertencentes ao grupo de Alcoólicos Anônimos. Escutando seus testemunhos, Irmã Evelyne e Irmã Rosa Maria encorajaram as famílias a continuar o combate contra o álcool. Este momento foi encerrado com um canto executado por membros do grupo que, em sinal de gratidão ofereceram de presente dois galos, que foram muito apreciados pela Irmã Evelyne, Irmã Rosa Maria e Irmã Manuela.

**No Centro de nutrição**, nossas visitantes ficaram muito tocadas com a difícil situação das mães que lutam para sustentar seus filhos. Emocionadas, as mães agradeceram à Irmã Evelyne pelos cuidados prodigiosos realizados pelas Irmãs que as ajudam a cuidar de seus filhos e a viverem com dignidade.

**Na escola católica** São João Batista, Irmã Evelyne admirou a aplicação dos alunos e a capacidade pedagógica dos professores. Ela se comprometeu em procurar uma escola primária da França, mantida pelas Filhas da Caridade, para criar algo semelhante.

Durante sua visita ao **hospital** e a **escola de enfermagem**, dirigidos pela Igreja Evangélica Americana, Irmã Evelyne e Irmã Rosa Maria ficaram impressionadas pelo respeito mútuo que os cuidadores testemunhavam, o espírito de equipe e de empatia natural nas relações entre os pacientes e os cuidadores. Elas apreciaram muito a boa colaboração que é vivida entre as Igrejas protestante e católica.

Enfim, elas puderam descobrir a vida e o dinamismo da **Paróquia**, o trabalho de animação e de acompanhamento dos cristãos, a formação dos catequistas e responsáveis, bem como a determinação dos fiéis na construção de sua Igreja, com os poucos recursos de que dispõem. Um coral de crianças e um grupo da infância missionária entoaram um cântico composto especialmente para esta ocasião, acompanhados por instrumentos, fabricados pelas próprias crianças.

Em seguida, as visitantes foram cumprimentar os Frades Capuchinhos que mantêm um centro para crianças portadoras de deficiência. Elas admiraram o esforço feito pelos pais das crianças para responder às necessidades de seus filhos, portadoras de deficiência, muitas vezes, mal aceitos entre aqueles que os rodeiam.

Depois, Irmã Evelyne teve a alegria de encontrar-se com os Lazaristas que chegaram à Belem há quase dois anos. Ela nos encorajou a continuar a viver nesta boa colaboração em benefício dos pobres.

## **Conclusão**

As pessoas da cidade, muito hospitaleiras, nos cercaram de muita cordialidade durante toda a visita. Como de costume, mostraram-se atenciosos à presença das Irmãs. Durante estes três dias, onde a simplicidade reinou, tivemos a oportunidade de partilhar sobre assuntos importantes para a nossa vida de Filha da Caridade: realidades difíceis do país, relação com as pessoas, promoção integral, trabalho em pastoral.... apreciamos o interesse da Irmã Evelyne por nosso serviço dos pobres e da

missão. Ela fortificou nossa convicção de sermos enviadas pela Companhia para viver o amor de Deus com os verdadeiramente pobres.

Demos graças a Deus pela alegria da presença dos Superiores e da nossa Visitadora Irmã Manuela que nos transmitiu a afeição e o apoio da Província de San Sebastian. Com São Vicente, dizemos : *“Que felicidade de não querer nada que Deus não queira, de nada fazer senão de acordo com a Providência na ocasião presente, e de nada ter a não ser o que Deus nos dá por sua providência !”* (Coste III p. 188).

Irmãs da Comunidade de Bebalem

### **TESTEMUNHO DAS IRMÃS**

Província de Bogotá (Colômbia)

#### **O CIEVI**

Sessão de formação contínua  
para América Latina e Caribe

Em 2011, o CIEVI (Centro Internacional de Estudos Vicentinos) celebrou seus 11 anos de existência a serviço das Filhas da Caridade nos países da América Latina e do Caribe.

Criado para responder ao desejo das Visitadoras das Províncias do continente Latino Americano, o CIEVI tem por objetivo propor um espaço comum de formação contínua para as Filhas da Caridade, de idades e serviços diversos, de nacionalidades e de culturas diferentes, afim de aprofundar o Carisma e a espiritualidade de nossos Fundadores. Tudo isso através de uma releitura da realidade atual e um discernimento sobre os desafios enfrentados no mundo atual.

Participar do CIEVI significa fazer uma experiência comunitária internacional de três meses: este ano, os participantes vieram da América Central, Argentina-Uruguai, Brasil (Curitiba e Rio de Janeiro), Bolívia, Cuba, Colômbia (Bogotá e Cali), Chile, Equador, México, Paraguai, Peru e República Dominicana). Experiência de formação com: momentos fortes de oração e de fraternidade, de pesquisas, trabalho em grupo, elaboração de projetos, tempos de lazer. Os vários conferencistas oferecem diferentes metodologias para descobrir, assimilar, refletir, partilhar e aprofundar os conhecimentos.

O tema escolhido, desenvolvido durante estes três meses, inclui diversos aspectos sobre o crescimento humano, espiritual, pastoral e vicentino. É necessário conhecer alguns aspectos importantes, tais como: a realidade atual na América Latina e Caribe, a doutrina social da Igreja, a animação bíblica da Pastoral, aspectos característicos das Filhas da Caridade, o caráter marial da Companhia, o contexto da França nos tempos dos Fundadores, a cristologia de São Vicente e de Santa Luísa e a história da Companhia.

A cada semana, as Irmãs de uma Província apresentavam aos demais participantes, alguns aspectos sobre a história da Província, sua realidade atual, os elementos culturais (através de uma

apresentação audiovisual e de uma exposição dos objetos do folclore e do artesanato dos pais). Na última semana da sessão, as Irmãs apresentaram o fruto do seu trabalho e seus projetos e receberam um diploma da Universidade de São Boaventura. Colaborando com o CIEVI, a Universidade participa da elaboração do programa e da animação da sessão.

Agradecemos de maneira especial a equipe de coordenação do CIEVI e as Irmãs das diferentes comunidades locais que nos acompanharam com suas orações. Agradecemos profundamente à Companhia que nos ofereceu esta oportunidade de formação, sem nenhum mérito de nossa parte e comprometemo-nos a ser melhores Filhas da Caridade e a partilhar com nossas Irmãs e com os pobres toda essa riqueza que recebemos gratuitamente da Providência.

Participantes do CIEVI

### **FONTES E ATUALIDADES**

No tempo de São Vicente ... e hoje!

#### **A espiritualidade de São Vicente**

#### **INTRODUÇÃO**

No livro “São Vicente e a Caridade” o padre André Dodin mostra muito bem que era inútil a insistência feita ao tentar definir a doutrina espiritual de São Vicente e mostra que poderia se tratar apenas de uma doutrina em uma vida. Assim, seguindo a vida de São Vicente, analisando como ele mesmo refletiu sua experiência, como ele a interpretou e traduziu para agir, teremos alguma possibilidade de nos aproximarmos de uma espiritualidade com a qual desejamos comungar.

Ao longo desta reflexão, precisaremos rever esta experiência espiritual de São Vicente em função de nossas situações e de nossas necessidades. Deveremos pesquisar quais são, atualmente, as grandes linhas de fidelidade a São Vicente, as linhas que deveriam corresponder ao que chamamos muitas vezes, de nossa fidelidade!. Enfim, o que deve ser um padre da Missão, segundo São Vicente, na Igreja e no mundo de hoje? A resposta não é uma das mais fáceis, visto que teremos que evitar todo tipo de sistematização.

Poderemos concentrar o essencial de nossa reflexão nos seguintes pontos: o seguimento de Jesus Cristo... para evangelizar....os pobres...na Igreja...em Comunidade..

#### **NO SEGUIMENTO DE JESUS CRISTO**

É uma expressão básica e das mais clássicas, na história e no vocabulário da espiritualidade, mas, em São Vicente, ela assume um sentido muitíssimo especial, dinâmico e funcional.

Para bem compreendê-la, precisamos voltar ao ano de 1617. É a este ano que São Vicente se refere, toda vez que quer explicar suas intuições e suas fundações. A relação de São Vicente com Deus e Jesus Cristo foi profundamente marcada pela experiência mística de 1617.

Durante seis ou sete anos, São Vicente pareceu ter hesitado bastante, refletido e pesquisado muito. Sob a direção de Bérulle, cuja doutrina conhecemos bem, Vicente leu Benoît de Canfield, um capuchinho de origem inglesa que tinha escrito: *"A regra da perfeição, reduzida somente a Vontade de Deus"*; passou de um ministério a outro, de uma situação a outra, de um projeto a outro. Eis que por duas vezes, de maneira inesperada, Deus se manifesta claramente em sua vida através de dois acontecimentos, onde os pobres estão diretamente envolvidos.

Depressa e cada vez mais profundamente, São Vicente tem a convicção de ter, nestas circunstâncias, de alguma maneira, encontrado a Deus. Lembram-se destas passagens quando ele diz: *"Ah ! Senhores Padres e meus irmãos, ninguém jamais pensou nisso, não sabíamos o que eram as missões, não tínhamos nisto pensado e não sabíamos o que era; é por isso que a reconhecemos como uma obra de Deus"* (Coste XI, 169).

*"Chamaríeis humano o que a compreensão humana não previu, o que a vontade não desejou, nem procurou de maneira alguma? O pobre Padre Portail não havia pensando nisso; eu também jamais pensei; isto aconteceu contra toda nossa esperança e sem que eu tivesse imaginado de alguma forma"*(Coste XII, 7). E para provar o que considera como uma indiscutível intervenção de Deus, Vicente retoma os acontecimentos teofânicos de Gannes-Folleville.

A mesma reação e a mesma afirmação acontecem para Châtillon: *"Pode na verdade dizer-se que foi Deus que fez a vossa Companhia. Ainda hoje pensei nisso e perguntava a mim mesmo: 'Foste tu que pensaste em formar uma Companhia de meninas ? Oh! Não. Foi então a Senhora Le Gras? Tão pouco'. Posso na verdade dizer-vos que nunca pensei nisso. E quem teria a ideia de formar, na Igreja de Deus, uma Companhia de Senhoras e meninas da Caridade, com hábito secular? Parecer-vos-ia impossível. ...Ainda posso dizer-vos que era Deus e não eu"* (Conf. de 22 de janeiro de 1645, pág. 141). E para provar o que para ele era pura evidência, ele retoma os acontecimentos de Châtillon. Em um momento de sérias dúvidas no campo da fé, São Vicente tem a certeza de uma clara intervenção de Deus em sua vida. O que a direção de Bérulle, as leituras, as tentativas e buscas não puderam realizar, os dois encontros de 1617, sim. Parece então, que São Vicente vai, de agora em diante, considerar o acontecimento como um sinal de Deus, um sinal privilegiado, ainda que pouco se refira diretamente aos pobres. Alguém já havia dito: *"A necessidade e os acontecimentos são mestres que Deus nos dá de sua mão"* (Pascal).

O que, às vezes, chamamos de pragmatismo do Padre Vicente, é sobretudo a atenção que faz ao Deus que fala através dos fatos, assim como sua prudência, que com muita frequência, significa a espera pelo acontecimento que vai iluminar seu caminho. Através do acontecimento, sobretudo, quando se refere aos pobres, Deus se encontra com regularidade com Vicente de Paulo e lhe revela sua Vontade. Este tipo de relação e de comunicação foi perfeitamente adaptado ao temperamento ativo de São Vicente, pois, a Vontade de Deus se manifesta assim, de alguma maneira, no próprio local onde ela deve ser executada. Daí a extraordinária continuidade que é tipicamente vicentina : continuidade entre Gannes-Folleville e a Missão, entre o acontecimento de Châtillon e as Confrarias, depois entre as Confrarias e as Filhas da Caridade. A revelação de Deus e a ação que se seguiu, pareciam realmente, tecidos do mesmo fio.



Esta continuidade, ou este atalho entre a revelação da Vontade de Deus e o compromisso concreto, entre a Fé e a ação, explica, sem dúvida, a real dificuldade humana de São Vicente, quando ele fala da origem de suas fundações. A retrospectiva, a intervenção de Deus e sua própria ação lhe parecem tão próximas e interligadas que os atores se confundem e que o próprio Vicente é, praticamente incapaz de situar o momento de sua intervenção pessoal. Aqui, não existe outra coisa, senão a humildade. Além do mais, São Vicente está tão acostumado com esta continuidade e com esta via entre a presença de Deus nos acontecimentos e no compromisso, que fica desconfiado de todos os pretextos entre a Fé e a ação, inclusive os mais nobres. Ele desconfiaria de um Deus que se revelasse apenas nos momentos de plácidos colóquios ou práticas interiores, embora muito bons e desejáveis, porém, suspeitos (cf. Coste XI, 40-41). Como desconfiaria também de uma resposta que se expressasse fora da ação e permanecesse no amor afetivo: *“Amemos a Deus, mas que seja com a força de nossos braços e com o suor de nossos rostos... Muitos são aqueles que podem ter o exterior bem constituído e o interior cheio de grandes sentimentos para com Deus, mas param por aí... Reflitamos, portanto, sobre isso, ainda mais neste nosso século. Existem muitos que parecem virtuosos e que na verdade o são, ou que pelo menos têm uma inclinação para uma vida tranquila e leve, ao invés de uma devoção laboriosa e sólida... Nada está mais de acordo com o Evangelho do que juntar, de um lado, luzes e forças para a alma na oração, na leitura, no silêncio, e depois ir transmitir aos homens este alimento espiritual... É fazer o mesmo que Nosso Senhor, e depois dele os apóstolos; ... é imitar a pomba, que digere a metade do alimento que ela consegue e depois coloca o restante, através do seu bico, no dos seus filhos para alimentá-los. Eis como devemos agir, como devemos testemunhar a Deus, através de nossas obras, que O amamos”* (Coste XI, 40-41).

O ano de 1617 marcou profundamente a fé de São Vicente e sua relação com Deus e com Jesus Cristo. Podemos afirmar com todas as nuances que são necessárias, que o Deus de São Vicente é o Deus de Folleville e de Châtillon, portanto, Deus em relação com os homens, em relação privilegiada com os pobres.

Certamente a fé de São Vicente se alimentava da doutrina comum e ele sabia falar sobre Deus, Jesus Cristo, a Igreja, os sacramentos, sobre as virtudes e a santidade, como todos os mestres espirituais do seu tempo falavam. Mas, precisamente, não é isso que lhe era especial e original, o que lhe especificava e lhe caracterizava “espiritualmente” era o fato de viver e de tudo traduzir, através da experiência de 1617.

Assim, por exemplo, é que seu discurso e a maneira de falar sobre Deus se tornaram dinâmicos e atuais. Suas três abordagens foram: a Providência, a Presença de Deus e a Vontade de Deus. Três temas que lhe permitiram sempre falar sobre Deus como presente, comprometido na história dos homens e intervindo constantemente nos acontecimento.

Ele prefere o tema da vontade de Deus, porque se trata neste caso de uma abordagem melhor encarnada para o hoje, e a mais provocante para ação: *“A prática da presença de Deus, dizia ele, é muito boa, mas penso que colocar-se na prática de fazer a Vontade de Deus, em todas as suas ações, é ainda melhor, pois esta abraça aquela”* (Coste XI, 319). Encontramos na relação de São Vicente com Jesus Cristo a mesma abordagem seletiva que alguns poderão dizer: um pouco simplista. Jesus Cristo é Deus encarnado na história dos homens, eminentemente envolvido,

portanto comprometido e constantemente ativo nesta história. Jesus Cristo é o “Missionário do Pai” e é como Missionário-típico que São Vicente o encontrou.

Sabemos que para aprofundar o significado do acontecimento de Gannes-Folleville, São Vicente explica à luz do evangelho de São Lucas (4, 18), assim como vai lembrar para o acontecimento de Châtillon, o texto do evangelho de São Mateus (25, 31).

Em Lucas, 4,18 Jesus, bem no início de sua vida pública, apresenta e define sua missão a partir do texto de Isaías (61,1-6): *“O Espírito do Senhor repousa sobre mim, porque o Senhor consagrou-me pela unção; enviou-se a levar a Boa Nova aos humildes..”* Vocês conhecem o comentário restritivo, literal e voluntário de São Vicente: *“Se perguntássemos a Nosso Senhor: Que viestes fazer na terra? Ele nos responderia: “Assistir os pobres”. E que mais? “Assistir os pobres”.* (Coste XI, 108). Está claro que, para São Vicente o Cristo veio para isto, e alias, Ele veio somente para isto.

Portanto, Jesus Cristo é o Enviado do Pai para os pobres. Ora, na Igreja e no mundo de seu tempo, os pobres não estavam mais sendo evangelizados, nem assistidos: a missão de Jesus Cristo não foi continuada.

Então, sua vida e seu projeto vão se concentrar na continuação da missão de Jesus Cristo: “a evangelização dos pobres”. E é assim que o tema da continuação e expressão “do seguimento de”, tornam-se em São Vicente fundamentais e dinâmicos.

Jesus Cristo torna-se o modelo da vida e da ação missionária: *“Se Nosso Senhor nos recomendou isto, temos de aceitá-lo assim; Ele o quer; Ele é a Regra da Missão”* (Coste XII, 130).

Podemos observar, rapidamente que é bastante significativo que São Vicente doe como Regra, tanto para os padres da Missão como para as Filhas da Caridade, não o Evangelho, mas a pessoa viva de Jesus Cristo. Certamente, a partir de um certo ponto de vista, uma coisa leva a outra, Jesus Cristo. No entanto, esta escolha espontânea, não permanece menos sintomática.

Encontramos este tipo de abordagem e de relação com Jesus Cristo nas passagens que ele se compraz em ressaltar: Jesus viveu e praticou, antes de pregar e ensinar sua doutrina. Existe aqui uma primazia que seduz São Vicente e se une ao que chamamos seu pragmatismo ou sua prudência. É sempre a primazia da experiência e da vida, sobre o escrito e o institucional: *“A Santa Escritura nos ensina que Nosso Senhor Jesus Cristo, tendo sido enviado ao mundo para salvar o gênero humano, começou, primeiramente, a fazer e depois a ensinar”.* Vocês reconheceram a primeira frase das nossas Regras Comuns, e esta reflexão se encontra, igualmente na introdução que precede o texto das Regras das Filhas da Caridade: *“Tendes uma grande vantagem sobre as demais comunidades que escreveram e obtiveram a aprovação de suas regras, depois de dois ou três anos. A experiência logo demonstrou haver algumas coisas impraticáveis, outras que não deveriam ter sido postas ali...Pois, bem, minhas queridas Irmãs, pela misericórdia de Deus não tivestes isso, pois há mais de dezoito anos que começastes a praticar o que não se havia escrito. Fizestes como Nosso Senhor que ensinou pela vivência, antes de pregar o que queria que fosse feito. Quão felizes sois!”* (Documento 633, pág. 805 e 806).

**A partir de 1617**, São Vicente, definitivamente, se colocou no seguimento de Jesus Cristo e colocou a Missão no seguimento de Jesus Cristo enviado aos pobres. Esta última afirmação é essencial para compreender o pensamento exato de São Vicente e praticar, hoje, a sua experiência e seu carisma

Vocês sabem que todas as espiritualidades cristãs se alimentam do mesmo Evangelho. Elas se caracterizam através de uma leitura seletiva, através da prioridade e do interesse dispensados sobre algum determinado aspecto da mensagem. Para São Vicente, a chave de leitura do Evangelho foi indiscutivelmente a passagem de Lucas 4,18. É impressionante ver como São Vicente permaneceu coerente e constante sobre este ponto, interpretando todos os fatos e gestos de Jesus Cristo, assim como todas as suas palavras, em função do seu projeto de Missão de acordo com Lucas, 4, 18. Sua leitura do Evangelho sempre foi marcada e influenciada pela evangelização dos pobres.

Assim a imitação de Jesus Cristo pregada por São Vicente não é a que foi proposta por Thomas a Kempis; ela não é mais do que aquela apresentada por Bérulle. Ela é a imitação de Jesus Cristo missionário, enviado aos pobres.

Visto que Jesus Cristo veio para isto e somente para isto (cf. Coste XI, 108) e que nós decidimos segui-lo e continuar sua obra, é bastante lógico e necessário que o Imitemos. Para nós, Jesus Cristo é o Missionário dos Pobres que devemos procurar imitar.

Isto me leva a uma rápida discussão sobre a santidade de São Vicente. Trata-se da santidade sobre o modelo de Jesus Cristo, perfeito Missionário do Pai.

Para se ter uma ideia mais exata sobre a santidade do padre da Missão ou da Filha da Caridade, segundo São Vicente, convém analisar as conferências que se realizavam regularmente sobre os falecidos, e a comparação que São Vicente difundia através de sua correspondência. Na Congregação, um santo, é primeiro, um bom missionário: um Bourdaise, um Lambert aux Couteaux ...assim como uma santa entre as Filhas da Caridade é primeiro uma boa serva dos pobres: uma Margarida Naseau, uma Luísa de Marillac, uma Bárbara Angiboust.

Continuando a missão de Jesus Cristo, o Padre ou o Irmão da Missão, a Filha da Caridade, não terão melhores garantias em sua caminhada para a santidade, senão imitar Jesus Cristo o missionário típico. Esta imitação é seletiva e precisa. Para nós, São Vicente deixou cinco virtudes que são como as faculdades da alma da nossa Congregação: a simplicidade, a humildade, a doçura, a mortificação e o zelo. E porque estas cinco virtudes?

São Vicente esperou por muito tempo, antes de fazer esta escolha, e fez o mesmo com as Filhas da Caridade, para quem deixou a simplicidade, a humildade e a caridade. Aliás, depois ele explicou porque.

O espírito dos Padres e Irmãos da Congregação da Missão é na verdade um balanço do que foi vivido nos primeiros anos da Congregação. Assim, São Vicente partiu da vida, da experiência e não de uma reflexão abstrata sobre um ideal.

Estas cinco virtudes, São Vicente as recomendou como sendo as qualidades profissionais do missionário, a imagem da Regra que é Jesus Cristo. De fato, ao apresentá-las São Vicente mostrava o que os grandes mestres espirituais tinham dito ; mas o que ele trazia de original era a insistência sobre o lado funcional, sobre o que ele chamava muitas vezes de útil.

Contempladas em “Jesus Cristo Missionário” estas virtudes são, sobretudo, meios privilegiados para uma melhor evangelização dos pobres, e portanto, meios privilegiados para atingir a nossa perfeição missionária. Seria preciso retomarmos aqui toda a conferência de 22 de agosto de 1659 sobre “As cinco virtudes fundamentais” (Coste XII, 298-311). Citarei aqui apenas algumas passagens:

*“Eis aqui a força e o poder das máximas evangélicas”* diz São Vicente no final de sua introdução. *“dentre elas, porque são inúmeras, escolhi principalmente aquelas que são mais próprias para os Missionários, e quais são elas? Sempre acreditei e pensei que eram a simplicidade, a humildade, a mansidão, a mortificação e o zelo”*. Aqui está o critério, de acordo com o qual foram escolhidas as cinco virtudes: a Missão!”.

## **A SIMPLICIDADE**

*“Pois bem, meus Irmãos, se existem pessoas no mundo que devem ter esta virtude, são os missionários, já que toda a nossa vida é dedicada a realizar atos de caridade para com Deus e para com o próximo. E em ambos os casos temos que proceder com simplicidade, de maneira que se são coisas que temos que fazer, que se referem a Deus e que dependem de nós, deve-se fugir destes artifícios, pois Deus se compraz e comunica suas graças somente às almas simples. Se olharmos para o nosso próximo, como devemos assistí-lo corporal e espiritualmente, devemos evitar parecer cautelosos, hábeis, astutos e sobretudo, jamais dizer uma palavra ambígua! Ah ! Como isto deve estar longe de um missionário!”* (Coste XII, 302). E disse ainda, numa outra conferência: *“Nosso Senhor.....apesar de sua onipotência, se acomodou ao alcance dos fracos. Se tenho duas concepções, uma bela e sutil, e outra menor e menos aparente, ficaria com esta última e renunciaria a primeira. Ajustemo-nos à mediocridade, que o sábio pareça conhecer com sobriedade, e que o forte que trabalha, trabalhe humildemente, pois tudo o que dizem e que fazem para o pobre povo, com espírito elevado, é vão e inútil, ultrapassa a nossa compreensão, o vento carrega-a para cima das casas, e o que fez a camisa de César plena de sangue e os gritos daqueles que a carregavam, é o que fazem os pregadores que tratam de matérias novas, curiosas e estranhas, com tons de vozes graves ou lamentáveis”* (Coste XII, 255).

Para a **HUMILDADE**, mesma perspectiva, mesma preocupação.

*“Esta é a segunda máxima, absolutamente necessária para os missionários, pois, digam-me, como um orgulhoso poderia se adaptar a pobreza? Nosso objetivo é o pobre povo, as pessoas grosseiras; ora, se nós não nos ajustarmos a eles, não poderemos em nada servi-los; portanto, o meio para fazê-lo é a humildade, porque através da humildade, nós nos aniquilamos, e estabelecemos Deus como Ser Soberano... Este é o estado que convém à Missão. Se não for assim, temos razão para temer, pois não temos o espírito de um verdadeiro missionário”* (Coste XII, 304-305).

## Quanto à **MANSIDÃO**

*“ ... um missionário necessita de muita paciência para com os de fora (da casa). São pobres pessoas que vem se confessar: são tão grosseiros e ignorantes, tão rudes e porque não dizer, tão estúpidos que não sabem quantos deuses existem, quantas pessoas há em Deus, e se o dizeis cinquenta vezes, no final o encontrarei tão ignorantes como no começo. Se uma pessoa não tiver a mansidão para suportar suas ignorâncias, o que ela poderá fazer? Nada, pelo contrário, ela vai aturdir estas pobres pessoas que, ao ver nossa impaciência, vão se desgostar e não vão querer nunca mais voltar para aprender as coisas necessárias para a salvação” (Coste XII, 305).*

**A MORTIFICAÇÃO** é igualmente proposta e definida no contexto concreto da vida missionária.

*“Quando vamos a uma missão, não sabemos onde nos hospedaremos, nem o que faremos; encontramos coisas totalmente diferentes do que esperávamos, e a Providência, muitas vezes, joga por terra nossos planos. Portanto, quem não vê que a mortificação deve estar inseparável de um missionário, para trabalhar não somente com a pobre gente, mas também com os forçados e os escravos? Pois, se não somos mortificados, como poderemos sofrer o que temos que sofrer em todos estes trabalhos? O pobre Padre Le Vacher, de quem não temos notícias, que partiu com os pobres escravos, arriscando-se com a peste e provavelmente seu irmão, estes missionários poderão ver o sofrimento que atingem as pessoas, que a Providência lhes confiou, sem os senti-los em si mesmos? Não nos enganemos, meus Irmãos, os missionários precisam da mortificação”.*

E finalmente, **O ZELO**, que é a chama da Caridade.

Para São Vicente, de uma maneira mais concreta e funcional, ele é também o contrário da preguiça e do aburguesamento: *“Oh, Salvador ! Meu bom Salvador! Queira a vossa divina bondade livrar a Missão deste espírito de indolência, de busca por comodidades, e conceda-lhe um zelo ardente para vossa glória, que a faça abraçar tudo com alegria e que jamais recuse a ocasião de Vos servir! Fomos criados para isto” (Coste XI, 202).*

Portanto, aqui está nosso espírito tal como o definiu São Vicente, apresentando a motivação de suas escolhas. Não podemos não nos impressionar com sua lógica e a unidade deste conjunto que ele construiu: unidade em torno da Missão e para a Missão.

A François du Coudray, Vicente de Paulo escreveu certa vez sobre a simplicidade: *“ É a virtude que mais amo”*(Coste I, 318). Após o ano de 1617, o universo espiritual de São Vicente, até então bastante complexo e pouco produtivo, se unificou, se aprofundou e se tornou mais simplificado. E parece que tudo o que foi adquirido em simplicidade foi também adquirido em favor da ação, do compromisso e da Missão.

Sim, a fé de São Vicente nos parece simples e dinâmica. Sua relação com Deus e sua relação com Jesus Cristo parecem simples, como sua leitura do evangelho e sua concepção de santidade. Nisto existe uma unidade, uma coerência e um dinamismo que ainda são capazes, nos dias de hoje, de nos estimular.

Existe um belo parágrafo na conferência de São Vicente às Filhas da Caridade sobre o trabalho, um parágrafo que nos dá algumas ideias, da maneira tão próxima e tão concreta que São Vicente se expressava sobre Deus:

*“Deus mesmo trabalha incessantemente, e incessantemente trabalhou e trabalhará....Deus trabalha... na produção e conservação deste grande universo, nos movimentos dos Céus, nas influências dos astros, nas produções da terra e do mar, na moderação do ar, no regulamento das estações e em toda esta bela ordem que vemos na natureza, que seria destruída e voltaria ao nada se Deus não a sustentasse constantemente. Além deste trabalho geral, trabalha ainda com cada indivíduo, em particular, trabalha com o artífice na sua oficina, com a mulher na sua casa, com a formiga e com a abelha nas suas colheitas, e isto incessantemente e sem interrupção. E porque Ele trabalha? Pelo homem, minhas queridas Irmãs, só pelo homem, para lhe conservar a vida e para prover a todas as suas necessidades. O quê? Se um Deus, soberano de todo o mundo não esteve jamais um momento sem agir em Si mesmo e no exterior, desde que o mundo é mundo, e até nas mais humildes produções da terra, com a qual Ele coopera, quanto mais justo não será que nós, que somos suas criaturas, trabalhemos, como Ele disse, com o suor do nosso rosto! Um Deus trabalha constantemente, e uma Filha da Caridade havia de se conservar ociosa! Persuadir-se-ia que está só para servir os doentes! E, quando tem pouco ou nada que fazer junto deles, permaneceria inútil!”* (Conf. de 28 de novembro de 1649, pág. 321).

De maneira muito simples, mas muito sugestiva, esta passagem nos mostra como São Vicente apresentava Deus como estando muito próximo, onipresente e diretamente comprometido na história dos homens “pelo homem, e só pelo homem”.

## **A EVANGELIZAÇÃO**

Na experiência e no pensamento de São Vicente, a Missão, nós o vimos, se define, primeiro pela relação com Deus e com Jesus Cristo. Para São Vicente, ser missionário é antes de tudo se colocar no seguimento de Jesus Cristo, é ser continuador de Jesus Cristo enviado pelo Pai. Para São Vicente, o fundamental e o essencial da missão é a relação com Jesus Cristo missionário: *“É disto que os missionários fazem profissão; isto lhes é particular, ser como Jesus Cristo, dedicados aos pobres. Nossa vocação é portanto uma continuação da sua ou pelo menos, pode relacionar-se com ela diante das circunstâncias. Oh! Que felicidade, meus Irmãos! Mas, também quantas obrigações para nela nos afeiçoarmos!”* (Coste XII, 80).

Às Filhas da Caridade igualmente, São Vicente dizia: *“Que felicidade, minhas Filhas, que Deus vos tenha escolhido para continuardes o trabalho de Jesus Cristo na terra”* (Conf. de 09 de Março de 1642, pág. 39).

A palavra continuação que São Vicente gosta de empregar, expressa bem o que existe de especial em sua relação com Jesus Cristo: é um pouco parecida com uma relação dos sócios de uma mesma empresa. Vocês observaram como ele insiste constantemente no que, por falta de outro termo, chamaríamos o aspecto funcional ou profissional da espiritualidade vicentina, uma espiritualidade para a ação, imediatamente traduzível em ações e compromissos, uma espiritualidade para a Missão.

Veremos que São Vicente considerava a Igreja como uma empresa, encarregada da evangelização dos pobres, e como ele dizia: “... *ela precisa de operários, mas de operários que trabalhem*” (Coste XI, 41). Esta é mais uma palavra para acrescentar no vocabulário vicentino: “operários”, para qualificar os missionários e até mesmo todos os cristãos na Igreja. Assim como para as Filhas da Caridade, o termo “servente” foi profissional antes de ser místico: as Confrarias parisienses pediam autênticas servas, e Margarida Naseau se apresentou como serva.

São Vicente viveu muito tempo antes da era industrial e de alguma maneira era um homem rural: tratava-se para ele de “operários para a messe”, mais o que quero destacar é o aspecto dinâmico, prático, ativo e funcional de sua espiritualidade.

Portanto, Jesus Cristo é o enviado do Pai para uma Missão, um trabalho. Em 1617, Vicente de Paulo teve a nítida impressão, quase uma evidência, que Jesus Cristo o envolvia neste trabalho e o pregava como um parceiro.

Para ele, este trabalho consistia em “dar a conhecer Deus aos pobres, anunciar-lhes Jesus Cristo, dizer-lhes que o reino dos céus está próximo e que a eles pertence” (Coste XII, 80). O Padre e o Irmão da Missão, portanto, estão na Missão PARA evangelizar os pobres; esta finalidade foi escolhida por São Vicente para constar até mesmo no selo oficial da Congregação da Missão: *Evangelizare pauperibus*.

Evangelizar... os Pobres... vamos retomar cada um destes termos para analisar com mais detalhe o que Vicente entendia por evangelização e como abordava o pobre para evangelizá-lo. Porém, antes, precisaremos dedicar nossa atenção para o fim da Congregação da Missão, de acordo com São Vicente. Deliberadamente vou utilizar a palavra **FIM**, no singular. Esta questão da finalidade da Congregação da Missão apaixonou e dividiu algumas de nossas assembleias gerais. Em nossas Constituições, a formulação é, às vezes, um pouco vaga : a evangelização dos pobres foi reduzida a um emblema que reúne, em um denominador comum, que reagrupa todos os cálculos. Mas, o emblema apareceu ainda muito mais preciso e comprometedor. Daí a famosa nota interpretativa onde diz que: a evangelização dos pobres é o fim primordial, porém não único; que ela é, em si, um critério suficiente, porém, não necessário, para a determinação de nossas obras!

Para pensar assim, é preciso não ter lido São Vicente, ou então ter se desassociado. Em São Vicente, a coisa está clara e sempre afirmada: sem evangelização dos pobres, jamais teria existido a Congregação da Missão, nem os Padres e Irmãos da Missão. A evangelização dos pobres, não é uma das razões de ser, ela é a razão de ser da Congregação da Missão e de cada um dos seus membros. Isto está afirmado sem o mínimo equívoco no contrato da fundação da Congregação da Missão, firmado em 17 de abril de 1625, e a expressão é muito forte: “*para dedicar-se por inteiro e puramente para a salvação do pobre povo*”(Coste XIII, 198). Isto foi retomado em todos os textos oficiais : no contrato da associação de 04 de setembro de 1626, na aprovação real, no contrato da união do priorado de São Lázaro, de 07 de janeiro de 1631, na bula de ereção da Congregação da Missão de 12 de janeiro de 1632 (Coste XIII, 259), etc.

Esta firmeza e precisão sobre a finalidade da Congregação da Missão serão sempre confirmadas e sublinhadas ao longo das correspondências e das conferências. O que, às vezes, poderá levar a um certo equívoco, será a tendência de confundir finalidade e opção ou obras. Chegamos, então às

definições descritivas : a evangelização dos pobres, foi unida por exemplo à obra dos Seminários, depois, em nossas Constituições de 1954, foram acrescentadas às obras de Caridade e de educação. É verdade que este processo já era perceptível no tempo de São Vicente e encontramos traços no texto das nossas Regras Comuns, quando a finalidade da Congregação foi apresentada sob três títulos de capítulos.

- 1) *propriae perfectioni studere,*
- 2) *evangelizare pauperibus, maxime ruricolis,*
- 3) *ecclesiasticos adjuvare.*

Sem dúvida que São Vicente, como todo fundador, teve que pedir o reconhecimento de Roma, dobrar-se a um estilo de género literário, aliás, bem compreensível em matéria canónica. Mas, a interpretação autêntica de nossas Regras comuns foi o próprio São Vicente que nos deu, em particular, na famosa conferência de 06 de dezembro de 1658, e ao longo de sua correspondência e de suas Conferências.

Com relação à: *propriae perfectioni studere* (aplicar-se a sua própria perfeição), por exemplo, em nenhum momento e de forma alguma, não se tratou aqui, para São Vicente, de um fim mais ou menos distinto e independente da Missão. A perfeição que ele nos propôs foi realmente esta do Missionário à imagem e no seguimento de Jesus Cristo “ Missionário do Pai, enviado aos Pobres”; pois, certamente tal era a santidade de São Vicente e é à esta mesma santidade que somos chamados a participar. Precisaríamos introduzir aqui, através de provas ou exemplos, uma reflexão sobre a oração de acordo com São Vicente. A reflexão estaria baseada nos textos onde São Vicente aborda este assunto tanto com os Padres da Missão como com as Filhas da Caridade. Aqui, novamente nós constatamos que São Vicente conhece os métodos clássicos e tradicionais de oração. Ele os expos honestamente, após o qual, de maneira clara, disse sua preferência

Para São Vicente, a oração é, sem dúvida, um dos destaques da vida espiritual, mas é um ponto alto na missão e para a missão. Na oração, é o missionário que se interroga diante de "Jesus Cristo, o missionário". A oração? É o agora, evocado diante de Jesus Cristo o enviado aos Pobres.

São Vicente apresentou como modelo de oração, a oração de um presidente: “*Prevejo o que devo fazer durante o dia e daí decorrem as minhas resoluções*” (Conf. de 02 de agosto de 1640, pág. 19). Devemos reler as passagens onde São Vicente denuncia todas as formas de oração que nos afastam da vida, e da atualidade... mas, não podemos mais ficar para traz. Em suma, tudo o que nos diz São Vicente nos leva a considerar o *propriae perfectioni studere*, como incluído no ***Evangelizarem pauperibus***.

Quanto a ajuda aos eclesiásticos sobre o qual já falava, alguns textos acima citados, fica claro que na concepção de São Vicente esta obra, em relação à evangelização dos pobres, era, na verdade, considerada como um meio. Lembro aqui apenas duas passagens bem conhecidas: “ ... *trabalhar para a salvação do pobre povo do campo... esta é a nossa vocação... isto corresponde aos desígnios eternos que Deus tem sobre nós... trabalhar para a salvação do pobre povo do campo, isto é o mais importante de nossa vocação, e tudo o mais é apenas acessório, pois, se jamais tivéssemos trabalhado com os ordenandos, nos seminários eclesiásticos, se não tivéssemos julgado que era necessário para sustentar o povo e conservar o fruto que produzem as missões, quando*



*existem bons eclesiásticos, imitando nisto os grandes conquistadores, que deixam guarnições nos lugares que ocuparam, por medo de perder o que conquistaram com tanto sacrifício. Não somos muito mais felizes, meus irmãos, por expressar ao inocente a vocação de Jesus Cristo? ...” (Coste XI, 133).*

E a segunda passagem: *“Mas, talvez, alguém dirá: “Se me enviam para trabalhar com os ordenandos ou com os seminaristas? Isto é bom, quando agrada a Deus nos empregar neste trabalho e a obediência para lá nos envia; então, no momento adequado, no que nos concerne, deveríamos fazer, por assim dizer, um ato de violência, pois, como lhes disse, estes são os acessórios da nossa vocação principal” (Coste XI, 135-136).*

Vocês sabem que as expressões: capital, principal e acessório estão presentes no vocabulário de São Vicente. O principal ou capital é sempre a evangelização dos pobres e somente isso. O acessório é simplesmente todo o resto. Portanto, a finalidade da Congregação da Missão e de todos os que nela entraram é a Evangelização dos pobres, esta é a razão de ser tanto de um como do outro. Ela é também o critério que presidiu a organização do Instituto, em suas estruturas, em sua vida comunitária e na longa e difícil discussão sobre os votos.

Para São Vicente, a Congregação é um instrumento de evangelização dos pobres. Sua primeira qualidade e sua primeira obrigação é estar adaptada ou de se adaptar sempre às necessidades da evangelização. Não acredito que seja necessário insistir sobre outros pontos: a flexibilidade, a adaptação e sobretudo, a mobilidade que São Vicente exigia de suas fundações e de seus membros.

A finalidade da Congregação dos Padres da Missão foi também para São Vicente, apesar do que diz a classificação das Constituições, o critério de escolha das opções e dos compromissos. Aliás, é difícil ver como uma lógica tão boa possa ter sido compreendida diferente. Nós vimos, acima, por obra dos seminários: *“ ... se tivéssemos julgado que isto era necessário..”* Poderíamos constatá-lo através de cada uma das numerosas opções que São Vicente aceitou, tanto os Coirmãos quanto dos padres da Missão ou pelas Filhas da Caridade. Foi assim que nesta conferência de 6 de dezembro de 1658, São Vicente não via nenhuma contradição entre uma finalidade clara e exclusivamente definida e uma infinidade de opções. Aqui, não se trata somente de um problema de interesse histórico ou canônico, trata-se de um problema de equilíbrio pastoral e espiritual para cada um de nós, hoje. O raciocínio que conduz São Vicente, a partir da finalidade da nossa Congregação, a aceitar e justificar suas opções, é o mesmo que deve nos fazer, ao nos lembrarmos constantemente da nossa única razão de ser: a evangelização dos pobres.

### **MAS, O QUE É A EVANGELIZAÇÃO PARA SÃO VICENTE?**

São Vicente partiu do conceito tradicional, geralmente recebido em seu tempo, de maneira natural. Depois, progressivamente, sua experiência pastoral e missionária e a dos seus Institutos o levaram a uma concepção cada vez mais ampla e abrangente, bastante próxima do que pensamos e vivemos, hoje.

I - É desnecessário nos voltarmos para a teologia da evangelização do início ou da primeira metade do século XVII, pois trata-se de uma **teologia** concebida no período da cristandade e **para um período de cristandade**, ou seja, onde os problemas apresentados não são mais problemas de fé,

mas sim, referentes a uma prática e a uma vida religiosa e moral em coerência com a fé. Daí a importância dada à sacramentalização, e mais particularmente, à confissão geral. Em um primeiro tempo, a missão será, portanto, estabelecida por São Vicente sob a forma de um bom retiro paroquial. Precisamente, é interessante constatar o paralelismo entre os conselhos que São Vicente dava para um retiro individual ou coletivo em São Lázaro, por exemplo e o ritmo habitual de uma missão paroquial, ou pelo menos no início. Portanto, no começo, a evangelização era para São Vicente uma empresa tentando colocar a vida moral e a prática religiosa em coerência com a fé, supostamente adquirida e recebida.

II – No entanto, dois elementos já perturbam um pouco esta teologia pastoral, sob aparências bastantes serenas. De um lado existe a **divisão da Igreja**, e do outro o **crescimento das missões exteriores**: conseqüentemente o encontro com os não-cristãos. Estes dois elementos terão uma profunda repercussão, tanto no plano da reflexão teológica, como da prática pastoral e missionária.

O primeiro elemento, referia-se aos huguenotes, (a **divisão da Igreja**) e o assunto parecia simples, para a maioria dos contemporâneos de São Vicente. Para eles, era apenas uma questão de controvérsia enérgica que resultava na condenação ou na abjuração. Ora pastoralmente, o comportamento de São Vicente sobre este assunto preciso pareceu muito sutil e respeitoso. Para ele os huguenotes, ou pelo menos, os mais sinceros e mais convencidos, podiam questionar, de maneira salutar, a Igreja. E não ignoremos que em um momento muito importante de sua evolução, São Vicente aceitou ser questionado. Para isto precisaremos retomar com atenção a passagem de Coste XI, 34-37.

*“Um dia, São Vicente fez a sua comunidade o relato da conversa que teve com um herege, que ele mesmo havia acompanhado para a verdadeira fé. Antes de se converter, o huguenote pede ao santo para lhe resolver uma objeção: ‘Padre, o senhor disse que a Igreja de Roma é conduzida pelo Espírito Santo, mas, isto é algo que não posso acreditar, porque de um lado, vemos os católicos do campo abandonados nas mãos de pastores viciosos e ignorantes, sem conhecimento dos seus deveres, e que a maioria nem sabe sequer o que significa a religião cristã; e por outro lado, vemos as cidades plenas de padres e de monges que nada fazem! Pode ser que em Paris se encontrem dez mil, que no entanto deixam esse pobre povo do campo nesta espantosa ignorância, na qual se perdem. E vós quereis me convencer de que isto é conduzido pelo Espírito Santo? Eu jamais acreditarei nisto”.*

Muito impressionado por esta objeção, o santo respondeu ao herético: *“que estava mal informado sobre o que falara. Que existiam em muitas paróquias, bons párocos e bons vigários entre os eclesiásticos e os religiosos que lotavam as cidades. Existiam muitos que davam a catequese e pregavam no campo; que outros estavam comprometidos em rezar a Deus e cantar seus louvores, dia e noite; que outros serviam utilmente o público através de livros que escreviam, através da doutrina que eles ensinavam e através dos sacramentos que eles administram; e que se havia alguns inúteis e que não realizavam devidamente suas obrigações, estes eram homens especiais, sujeitos a falhas, mas que não eram a Igreja. Quando dizemos que a Igreja é conduzida pelo Santo Espírito, isto se entende, de modo geral, quando ela está reunida nos concílios e em particular, quando os fiéis seguem as luzes da fé e as regras da justiça cristã. Quanto àqueles que se afastam, resistem ao Espírito Santo e embora sejam membros da Igreja, eles são, no entanto, aqueles que vivem segundo a carne, como diz São Paulo e que vão morrer”.* O herege não ficou convencido. No

ano seguinte, Vicente de Paulo volta à Montmirail com o Padre Féron, então bacharel em teologia, depois doutor da Sorbonne e arqui-diácono de Chartres, o Padre Duchesne doutor na mesma faculdade e arqui-diácono de Beauvais, e alguns padres e religiosos amigos. Tinham acabado de realizar a missão neste lugar e nas aldeias dos arredores. O eremita teve a curiosidade de assistir às pregações e ao catecismo. Ele viu o cuidado que se tinha para instruir aqueles que estavam na ignorância das verdades necessárias para a salvação, a caridade com a qual se adaptavam aos fracos e a lentidão da compreensão daqueles mais rudes, e os fatos maravilhosos que o zelo dos missionários operava no coração dos maiores pecadores. Chorando de emoção, o herege procurou o santo e lhe disse: *“Agora, estou vendo que é o Espírito Santo que conduz a Igreja romana, porque se preocupa com a instrução e com a salvação dos pobres camponeses. Estou pronto para nela entrar, quando for do vosso agrado para nela me receber - Não tendes mais nenhuma dificuldade? Pergunta-lhe São Vicente - Não, respondeu-lhe o herético. Creio em todas as coisas que me dissestes e estou disposto a renunciar publicamente a todos os meus erros”*. O Santo o interrogou e depois de estar seguro que o novo convertido conhecia bem os pontos essenciais da doutrina católica, ele o informa que receberia sua abjuração e a absolvição da heresia na Igreja de Marchais, próximo de Montmirail onde, então, a missão estava sendo realizada. Naquele dia, ao finalizar a pregação matinal, Vicente de Paulo chamou o convertido pelo nome, em voz alta e lhe perguntou publicamente se ainda estava disposto a abjurar seus erros. Depois de responder afirmativamente, o antigo calvinista acrescentou, mostrando na Igreja uma imagem da Virgem Maria, grosseiramente esculpida: *“Eu não posso crer que exista algum poder nesta pedra!” Sobre o que o santo replicou “que a Igreja não ensinava que existisse alguma virtude nestas imagens materiais, exceto quando agradava a Deus de a comunicar, como Ele pode fazê-lo, e como e como Ele já o fez no cajado de Moisés que fazia muitos milagres, e que as próprias crianças poderão lhe explicar”*. Então, dirigindo-se a um dos mais instruídos, pede-lhe para que diga o que ensinava a Igreja sobre as santas imagens. A criança respondeu: *“é bom tê-las e honrá-las, não por causa da matéria da qual são feitas, mas porque representam Nosso Senhor Jesus Cristo, e sua gloriosa Mãe e os santos do paraíso, que tendo vencido o mundo, nos convidam, através destas imagens mudas, à segui-los em sua fé e em suas boas obras”*.

Muito bem respondido, o santo repete as palavras da criança e fez reconhecer ao seu interlocutor que elas resolviam plenamente a dificuldade proposta, e adiou a cerimônia de abjuração para dar à fé do novo convertido tempo para se fortalecer. De fato, ela se consolidou tão bem que depois da profissão pública do catolicismo, nada a pode abalar. *“Oh ! que felicidade para nós, Missionários, acrescentou São Vicente após este relato, ao verificar a conduta do Espírito Santo sobre sua Igreja, trabalhando como nós, na instrução e santificação dos pobres!”*

Nesta atitude de Vicente que se deixa interpelar e ser contestado existe algo a mais presente nele do que na maioria dos seus contemporâneos. Por outro lado, se conhece a amplitude e a sabedoria dos conselhos que dava aos seus Missionários sobre este assunto.

À Guilherme Gallais, superior de Sedan, escreveu à respeito de um processo opondo um católico a um huguenote: *“...sabeis que o católico está bem fundamentado para exigir na justiça o que ele pede? Há muita diferença entre ser católico e ser justo”* (Coste II, 447).

Ao Irmão da Missão, Felipe Patte, cirurgião em Nantes, escreve em novembro ou dezembro de 1659: *“Estou muito aflito ao saber que tendes heréticos em vosso barco e conseqüentemente que muito sofrereis de sua parte. Mas, enfim, Deus é o mestre, e assim, permitiu, por razões que desconhecemos. Talvez, para vos obrigar a ser mais reservado em sua presença, mais humilde e mais devoto a Deus, e mais caridoso para com o próximo, a fim que eles vejam a beleza e a santidade de nossa religião, e que, através destes meios, eles se voltem para ela. Deveis cuidadosamente evitar todo tipo de disputas e censuras para com eles, deveis vos mostrar paciente e bondoso, ainda que se manifestem contra vos ou contra nossa fé e nossas práticas. A virtude é tão bela e tão amável que se verão obrigados a amá-la em vós, se vós a praticais bem. Deve-se desejar que nos serviços que rendeis a Deus no barco (através do exercício da cirurgia) o façais sem acepção de pessoas e não estabeleçais nenhuma diferença entre os católicos e os huguenotes, para que eles saibam que vós o amais em Deus. Espero que vossos bons exemplos sejam aproveitados para uns e outros. Peço-lhe que tenhais cuidado com sua saúde e a dos nossos missionários”* (Coste VIII, 182-183).

São Vicente escreve a João Martin, em 23 de maio de 1659: *“Tanto a conversão dos heréticos como a dos pecadores é, de fato, a pura misericórdia de Deus, que chega mais do que depressa quando nela não se pensa, do que quando a buscamos. No entanto, não se deve deixar de trabalhar quando as ocasiões se apresentam, porque assim Deus o quer”* (Coste VII, 567-568).

Estas observações e conselhos podem nos parecer, atualmente, bastantes tímidas, mas para o século XVII e talvez mesmo, há trinta ou quarenta anos, elas testemunharam um *espírito bastante aberto e pré-ecumênico*.

O segundo elemento que no tempo de São Vicente, atenuava a serenidade da evangelização da cristandade e seu lado pouco formalista, foi **a experiência e a expansão das missões "Ad gentes"**. Após as grandes expedições e descobertas dos séculos XV e XVI, um novo campo de ação apostólica se abriu aos pioneiros da evangelização.

A Igreja da cristandade e os teólogos se encontravam diante de uma situação pastoral inédita, ou melhor, há muito tempo esquecida. Sem nos determos, observemos, então, que é quando se define uma espécie de teologia do mínimo vital e uma sacramentalização de urgência: o batismo certamente, e as famosas “verdades necessárias para a salvação”.

Ora, se falo sobre a evangelização segundo São Vicente, é porque, desde as primeiras missões pregadas nas terras dos Gondí, São Vicente parece aplicar espontaneamente esta teologia do mínimo vital e esta pastoral de urgência ao pobre povo do campo. Isto é tão real que mais tarde, quando os missionários irão entrar em contacto com o paganismo em Madagascar ou em outro lugar, eles não terão mais que mudar de projeto e de mentalidade missionária. Seria interessante estudar as cartas do Padre Nacquart e do Padre Bourdaise sobre este assunto.

#### **CONCLUSÃO DESTA REFLEXÃO SOBRE A EVANGELIZAÇÃO DOS POBRES, SEGUNDO SÃO VICENTE**

Muito rápido, em seu projeto de evangelização e em sua ação missionária, São Vicente coloca o problema para o centro, não sobre uma vida e uma prática que deve ser organizada em função de

uma fé, mas sobre a própria fé e sobre o amor de Jesus Cristo. São Vicente ficou impressionado e comovido com o que ele chamava a “ignorância da pobre gente”, uma ignorância, alias, que tornava os padres responsáveis. Vocês conhecem algumas censuras muito severas de São Vicente sobre este assunto: “...são os padres que perdem a Igreja e a arruinam; é bem verdade que a depravação do estado eclesiástico é a causa principal da ruína da Igreja de Deus. Há poucos dias eu estava em uma assembleia, onde estavam sete prelados que faziam reflexões sobre as desordens que se via na Igreja, dizendo publicamente que eram os eclesiásticos a principal causa. Portanto, são os padres! Sim, somos a causa desta desolação que devasta a Igreja e deste deplorável declínio que ela sofreu em muito lugares... Consideremos, portanto, a alteração do estado eclesiástico, porque os maus padres são a causa de todos estes males e que são eles que os atiram sobre a Igreja ” (Coste XI, 308-310).

O que São Vicente critica com tanta veemência nos padres é a sua vida, mas, acima de tudo, sua má conduta profissional, ou seja, sua responsabilidade na ignorância do pobre povo e no desaparecimento ou nos desvios da fé. Desde então, existe em sua concepção de evangelização, cada vez mais acentuada, a importância do anúncio, em detrimento do que chamamos, hoje: o culto! Para Vicente, e já lembramos aqui, evangelizar significava: “*tornar Deus conhecido aos pobres, anunciar-lhes Jesus Cristo, dizer-lhes que o reino dos céus está próximo e que a eles pertence*”(Coste XII, 79-80).

E isto é bom porque São Vicente vislumbra a evangelização mesmo em pleno período da Cristandade, primeiro como um anúncio, no qual centraliza todos os seus esforços de animação missionária e de formação sobre duas intervenções pastorais: a pregação e a catequese. Infelizmente, não temos mais tempo para desenvolver estes dois pontos. Embora os métodos tenham envelhecido e sem dúvida tem muito pouco a nos ensinar... porém, sem dúvida poderíamos tirar algum proveito da leitura de Coste XI, 257-287, 292-297, 381-384 ; XII, 288-298 ; XIII, 25-37...

**Para a pregação**, da qual, muitas vezes, detivemos apenas os conselhos sobre o pequeno método , São Vicente insistiu, sobretudo, sobre dois pontos: o Evangelho e ... a “descida ao particular” .

**\*O Evangelho**, primeiro, porque era isso que os Missionários anunciavam, e nada mais. Como o recorda muitas vezes: o Evangelho deve ser anunciado simples, sóbria e naturalmente, como Jesus Cristo e os apóstolos o fizeram: “*Deus está com os simples e os humildes, ajuda-os, abençoa seus trabalhos e seus negócios. O quê! Acredito que Deus ajuda uma pessoa que busca perder-se! O quê! Ele ajudará um homem a perder-se, como fazem aqueles que não pregam simples e humildemente, que pregam para eles mesmos, etc., isto é algo que não se pode sequer imaginar. Ó meus queridos Irmãos, se soubésseis quão mal é o de pregar contrariamente do que fez Nosso Senhor Jesus Cristo aqui na terra, assim como fizeram os apóstolos e que muitos servidores de Deus fazem ainda hoje, vós ficaríeis horrorizados!* ” (Coste XII, 23).

O segundo ponto essencial é “**descer ao particular**”: “*É necessário que a moral se torne familiar aos ordenandos, descer sempre ao particular, afim que eles a escutem e a compreendam bem; deve-se sempre aspirar a isto, de maneira que os auditores possam referir-se a tudo o que lhes foi dito durante os exercícios*” (Coste XI, 12). Encontramos aqui uma das constantes da espiritualidade de São Vicente : uma fé que não se expressa e não se prova na vida e nos atos, é uma ilusão.

Anunciando o evangelho aos pobres, asseguramos sempre o encontro entre a Palavra de Deus que anunciamos e as situações concretas que vivem os pobres. Não conservamos muitos sermões e homilias de São Vicente, no entanto, sabemos que ele era um homem muito concreto e convincente. Tanto em Folleville quanto a Châtillon, ele desceu ao particular, ele soube fazer uma estreita relação entre o evangelho e uma situação particular concreta, e sabemos quais foram os resultados disto.

Aqui também foi a experiência que conduziu São Vicente a este tipo de pregação simplesmente evangélica e diretamente aplicada, traduzida e adaptada às situações e compromissos concretos.

**Para o catecismo**, São Vicente foi ainda mais inovador. Ele chegou, até mesmo, a dar mais importância ao catecismo que a pregação: “...*Eu fiquei muito triste*, escreveu a um missionário por volta de 1657, *ao saber que ao invés de dar o grande catecismo da tarde, fizestes pregações em vossa missão, o que não se deve fazer:*

- 1) *porque o pregador da manhã pode não gostar desta segunda pregação.*
- 2) *porque o povo tem mais necessidade deste catecismo e se beneficia muito mais com ele.*
- 3) *porque ao dar este catecismo, parece haver mais assunto para honrar a maneira que Nosso Senhor Jesus Cristo fez para instruir e para converter o mundo.*
- 4) *porque é nosso costume e porque aprouve a Nosso Senhor conceder grandes bênçãos a esta prática, na qual se encontram muitos meios para exercer a humildade”* (Coste VI, 379).

E ainda: “*Todo mundo concorda em que o fruto produzido na missão se deve ao catecismo; e uma pessoa de condição, se referindo a isso ultimamente, acrescentou que os missionários se esmeravam todos em pregar bem, e que não sabiam dar o catecismo. Disse-o em minha presença e na de uma respeitada comunidade. Em nome de Deus, senhor Padre, adverti disto a comunidade daí. Meu pensamento é que os que vão trabalhar devem ministrar, um, o grande, e o outro, o pequeno catecismo..com efeito, como eu disse, observa-se que todo fruto vem daí.*” (Coste I, 482).

Nas missões, de fato, o catecismo da manhã e da tarde constituíam a parte importante do dia. O que fazia São Vicente preferir a pregação era sua forma dialogada e a necessidade de uma maior simplicidade; as perguntas e respostas dos ouvintes obrigavam os missionários a se colocarem no nível do povo e adaptar-se a eles. Temos, em Coste XIII, 156-163, uma lição de catecismo sobre o sinal da Cruz, para os operários do Nome de Jesus, animados por São, Vicente. Nela podemos verificar, entre outras coisas, a qualidade de sua pedagogia, que seria apenas para dar confiança a sua plateia: “*Aqui estão as duas principais razões que tendes para aprender bem. Começarei fazendo as perguntas e se vós não sabeis respondê-la, não vos inquieteis por isso. Perguntar-vos-ei se sabeis fazer o sinal da cruz e quando vós não souberdes responder, não vos entristeçais. Não sois o único. Quantos são os que estão na corte, talvez, os presidentes, que não o sabem fazer! Isto deve vos incentivar para superar a vergonha que normalmente sentimos quando não sabemos responder ao que nos perguntam. A causa desta vergonha é o orgulho que nos faz sempre querer parecer mais do que somos. Deveis fazer como esta boa gente do campo que demonstra tanto desejo de aprender que vem a nos, dizendo: "Padre, tenho muito medo de não saber o que é preciso que eu saiba. Não fui instruído. Por favor, pergunte-me para ver o que eu sei". Vedes meus filhos, como esta boa gente não tem vergonha de parecer ignorante”*(Coste XIII, 158).

São Vicente dava mais preferência à **catequese ocasional e espontânea** do que a organizada e institucionalizada. Na conferência de 17 de novembro de 1656, sobre o dever de catequizar os pobres, São Vicente lembra: *“No início da Companhia, praticava-se com exatidão e não se deixava passar nenhuma ocasião para ensinar um pobre, se houvesse necessidade...fossem os padres, os cléricos ou os nossos irmãos coadjutores, nas idas e vindas. Se eles encontrassem algum pobre, algum jovem, algum homem bom, falariam com ele, verificariam se sabia os mistérios necessários para a salvação e ao constatar que não os conheciam, então ensinava-os. Não sei se atualmente ainda somos bastante cuidadosos em observar esta santa prática. Refiro-me àqueles que vão para o campo, quando chegam nas pousadas ou pelos caminhos”* (Coste XI, 381-3 82).

São Vicente preferiu esta forma de catecismo e de evangelização simplesmente porque envolvia o homem na sua vida concreta e em seu trabalho. Na continuidade desta conferência, ele cita o exemplo de Nosso Senhor *“quando ele foi sentar-se na pedra que estava próximo do poço, donde começou a instruir a mulher, para lhe pedir água, disse-lhe: ‘Mulher, dai-me de beber’ (Evangelho de João IV, 7). Assim, façais também vós, pergunte a um e a outro: ‘Como tendes passado? Como vão os seus cavalos? Como vai isto? Como vai aquilo?’ e assim começar por algo parecido para depois passar para o nosso propósito”*(Coste XI, 383). Partir das realidades da vida, a exemplo de Jesus com a Samaritana para chegar ao anúncio do Reino. São Vicente já conhecia, o que muitos consideram, hoje, como uma descoberta.

Partir, portanto, de uma concepção bastante formalista e estreita da evangelização e de uma primeira experiência missionária centrada na prática religiosa, particularmente sobre a confissão geral, São Vicente deslocou progressivamente o objetivo e o orientou para a Fé e o Anúncio. Daí a importância dada à pregação e à catequese. Ambas deveriam colocar o Evangelho em contato direto com a vida concreta das pessoas e particularmente dos pobres.

Mas, se a evangelização permanecesse somente no anúncio, ela seria mutilada, seria mesmo uma mentira. **A evangelização deve tornar o evangelho efetivo.** Por isso São Vicente denuncia os missionários que queriam ficar com a parte do culto ou estritamente pastoral: *“...se existe entre nós alguns que pensam que estão na Missão para evangelizar os pobres e não para cuidar deles, para aliviá-los em suas necessidades espirituais e não as temporais, respondo-vos que devemos assisti-los e fazê-los ser assistidos de todas as maneiras, por nós e por outros. Fazer isto, é evangelizar por palavras e obras e isto é o mais perfeito ...”* (Coste XII, 88).

Para ilustrar este progresso decisivo, deveríamos retomar todas as realizações sociais e caritativas de São Vicente e ver como, fazendo isto, sentia-se em pleno trabalho de evangelização.

Foi, sobretudo, a este nível que São Vicente chegou a ideia que a evangelização não era de domínio do clero, mas um **empreendimento de todos**. Sobre este ponto, existem dois textos dignos do Vaticano II: *“Não há cristão que não seja missionário por natureza e por vocação”*. A evangelização vem da vocação batismal, não da vocação ministerial e sacerdotal. E isto porque evangelizamos tanto, e às vezes, muito mais pela força dos braços e pelo suor dos rostos que pelo barulho dos sermões e dos aromas do culto. Sobre este ponto preciso, São Vicente fala a mesma linguagem aos Padres e Irmãos da Missão, às Filhas da Caridade e aos leigos. Isto também se refere, muito diretamente, às Filhas da Caridade e aos militantes com quem trabalham.

Na continuação desta reflexão tentem se perguntar sobre suas próprias concepções em matéria de evangelização, sobre seus compromissos e comportamentos na Igreja e no mundo atual. Portanto, isto sobre o qual falamos nos conduziu ao centro, ao essencial de nossa vocação vicentina.

Alguém que é conflituoso poderia se incomodar com a total implicação da fé na relação com o pobre. A identificação de Jesus Cristo e do pobre poderiam ser sentidas como uma espécie de frustração na relação. Então, diríamos, é ao homem que devemos encontrar, é ao homem que se deve dar a totalidade de sua atenção e seu compromisso. Não se pode ao mesmo tempo, se preocupar com um outro alguém que não seja o próprio Jesus Cristo. Assim, a busca por Jesus Cristo nos pobres, seria para alguns algo de nocivo.

Graças a Deus, São Vicente não se analisou a este ponto, pois isto lhe teria deixado pouco tempo para agir. Mas se alguém tivesse lhe apresentado esta objeção, São Vicente, sem dúvida, teria respondido, dizendo o que estava acostumado a responder àqueles que jamais se comprometiam e agiam. Em todo caso, a fé em São Vicente, esta fé delimitada pela evidência da experiência da Presença de Jesus Cristo no pobre, jamais o fez esquivar-se, o mínimo que fosse, da pessoa do pobre, ou do peso de sua condição social.

Resta-nos invocar rapidamente a extraordinária unidade que a **mística da relação com o pobre** realizou em sua vida e em sua espiritualidade.

São Vicente foi um homem da experiência, alguém cuja vivência foi espontaneamente refletida, meditada e integrada. Houve aí, um processo de uma lógica e uma constante impressionantes. Foi assim que o acontecimento de Châtillon, à luz do evangelho de Mateus (25, 31) fez seu caminho e assumiu o seu lugar, gradualmente: a pedra angular do edifício e do equilíbrio. Tudo foi organizado, de maneira mais ou menos consciente, em torno desta evidente afirmação: *“Jesus Cristo está no pobre, e isto é tão certo como estarmos aqui”*.

É assim que, por exemplo, o que foi vivido em tensão e em conflito se tornou para ele uma simplicidade extrema. Uma vez que Jesus Cristo estava no pobre, Fé e Missão, Fé e Serviço, Fé e vida estavam em perfeita continuidade. Tratava-se da oração e do serviço, a concorrência não era mais um problema: *“Minhas Filhas, o serviço dos pobres deve ser sempre preferido a tudo o mais”*. Com um princípio emitido de maneira tão categórica, não há muitas exceções possíveis, por mais nobre que sejam. São Vicente afirma: *“Podeis mesmo, por causa deles, deixar de ouvir a santa missa nos dias de festa...”* Para ser mais claro, acrescenta: *“...mas somente em caso de grande necessidade”*. Aliás, este é um raciocínio sobre o qual se apoia o princípio e que é muito interessante ouvir: *“Deste modo estareis certas de ser fiéis às regras, e mais ainda, pois a obediência é considerada por Deus como sacrifício. É a Deus que quereis servir, minhas Filhas? Julgais que Deus é menos justo que os senhores da terra? Se o amo diz ao seu criado: ‘Faça isto’ e que, antes de estar executada a sua ordem, pede outra coisa, não acha mal que o criado deixe o que lhe foi ordenado em primeiro lugar para cumprir a segunda ordem; pelo contrário, fica mais contente assim. O mesmo acontece com Nosso Senhor. Chamou-vos a uma Companhia... deu-vos umas regras; na ocasião em que as praticais, chama-vos a outro lugar; ide logo, sem duvidar que seja essa a vontade de Deus”* (Conf. de 22 de janeiro de 1645, pág. 146). O que é notável e muito significativo neste texto, para nós que queremos nos aproximar da espiritualidade de São Vicente e



de sua experiência espiritual, é a facilidade e a espontaneidade com a qual São Vicente funde e identifica, num só ser, o Deus que fala nas regras, o Deus da oração, o Deus da missa e o Deus presente no pobre. Para ele, simplesmente é o mesmo Mestre que, primeiro ordenou uma coisa e depois pediu outra. É “*deixar Deus por Deus*”. Vendo Jesus Cristo no pobre, Vicente constata que tudo parece unificar-se em uma continuidade na sua fé e na sua vida: a oração, a Eucaristia, a missão, o serviço. Para chegar a uma tal unidade de fé e de vida, bastou-lhe apenas encontrar verdadeiramente Jesus Cristo em um pobre.

Graças a Deus, estamos todos atentos aos valores evangélicos que vivem os pobres. Hoje, São Vicente nos convida para ir mais longe e mais profundo, para além destes próprios valores, até o encontro da pessoa viva de Jesus Cristo, mesmo se o que se tornou evidente para o místico Vicente de Paulo, para muitos de nós, corre-se o risco de ser apenas um interminável esforço de fé.

Para concluir essa reflexão, interroguemo-nos pessoalmente e em verdade, sobre a qualidade de nossa relação com o pobre, em âmbito social, pastoral e místico. Como São Vicente temos que manter estas três dimensões, mesmo se a terceira deva alimentar e animar as outras duas. Que São Vicente nos ajude a progredir na meditação, na inteligência e na aplicação de Lucas 4, 18 e Mateus 25, 31. Estes textos constituem as verdadeiras luzes e as grandes linhas da reflexão e da experiência espiritual de São Vicente.

(continua..)

Padre Jean MORIN, cm